



A Marinha é do tamanho do Brasil



Operação “Dragão 38”:
a força que vem do mar

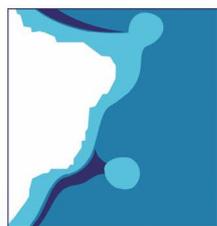
p.8

Muito além do mar

p.12

Mulheres de branco
em Villegagnon

p.30



AMAZÔNIA AZUL[®]

A ÚLTIMA FRONTEIRA

EXISTE UMA AMAZÔNIA NO MAR PARA SER PROTEGIDA.
ACESSE O SITE E CONHEÇA NOSSO TRABALHO.

www.marinha.mil.br



Marinha do Brasil

Protegendo Nossas Riquezas, Cuidando da Nossa Gente.



A Marinha em Revista chega a sua 12ª edição destacando uma importante ação da Marinha do Brasil (MB) no campo dos recursos humanos: a “Campanha da Capilaridade”. A ideia é apresentar a Força ao leitor, mostrando as oportunidades de ingresso na carreira militar em todas as partes do País e para todos os níveis de escolaridade. O artigo do Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Eduardo Bacellar Leal Ferreira, também trata do tema.

O entrevistado desta edição foi o Ministro da Defesa, Raul Jungmann, que discorreu sobre a Proteção Social dos militares e relembrou as peculiaridades da carreira nas Forças Armadas. O Ministro também destacou a importância da “Amazônia Azul” para o desenvolvimento econômico e para a defesa do País.

A atuação da Marinha do Brasil nas águas interiores é outro tema abordado pela revista. O texto mostra o papel fundamental da Marinha do Brasil no que se refere à navegação de embarcações regionais, comboios fluviais e à navegação do pessoal ribeirinho.

Convido os leitores a conhecerem ainda a Operação Dragão. Desenvolvida a partir de um conflito fictício, a “Dragão 38” contou com a participação de cerca de 2.800 militares. Durante o exercício, que aconteceu entre os estados do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, as forças navais e de fuzileiros navais realizaram uma operação anfíbia de alta complexidade.

Na editoria de Ciência, apresento o trabalho desenvolvido pelo Laboratório Farmacêutico da Marinha e a construção da nova base brasileira na Antártica, a Estação Antártica Comandante Ferraz.

As mulheres militares são tema de duas reportagens: a que registrou a trajetória da primeira turma de aspirantes da Escola Naval, do ingresso à formatura; e o perfil da primeira combatente do Corpo de Fuzileiros Navais.

As bandas militares da MB e o intercâmbio realizado por alunos estrangeiros na Escola Naval também estão presentes nesta edição. A seção de “Curiosidades Navais” fecha a revista com a história de um guindaste datado do século XIX, preservado e ainda em funcionamento no Comando do 2º Distrito Naval.

Convido todos a conhecerem um pouco mais sobre as atividades da Marinha. Boa leitura!

Contra-Almirante Flávio Augusto Viana Rocha
Diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha



Marinha em Revista é um periódico da Marinha do Brasil, elaborado pelo Centro de Comunicação Social da Marinha

Comandante da Marinha

Almirante de Esquadra Eduardo Bacellar Leal Ferreira

Diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha

Contra-Almirante Flávio Augusto Viana Rocha

Vice-Diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha

Capitão de Mar e Guerra Adriano Vieira

Chefe do Departamento de Produção e Divulgação do Centro de Comunicação Social da Marinha

Capitão de Fragata Alessandro Barcellos Velasquez

Subchefe do Departamento de Produção e Divulgação do Centro de Comunicação Social da Marinha

Capitão de Fragata Fausto de Souza Santos

Editora-Chefe do Departamento de Produção e Divulgação do Centro de Comunicação Social da Marinha

Capitão de Corveta (T) Luciana Carla Kwiatkoski Baumann Mendes

Jornalistas responsáveis

Primeiro-Tenente (RM2-T) Fernanda Mendes Medeiros – Reg. MTb 9438/DF

Primeiro-Tenente (RM2-T) Ana Carolina Freitas de Oliveira – Reg. MTb 10428/DF

Revisão

Capitão de Fragata Alessandro Barcellos Velasquez

Capitão de Corveta (T) Luciana Carla Kwiatkoski Baumann Mendes

Segundo-Tenente (RM2-T) Clélia da Conceição Lima

Projeto Gráfico

909 Comunicação e Publicidade

Diagramação

Primeiro-Tenente (T) Rodrigo do Carmo Neves

Marinheiro (RM2) Gustavo Henrique Silva de Moura

Fotografias

Arquivos da Marinha do Brasil e colaboradores

Foto da capa

Arquivo MB

Tiragem

5 mil

Impressão e distribuição

Quality Gráfica e Editora

Centro de Comunicação Social da Marinha

Esplanada dos Ministérios, Bloco N, Anexo A, 3º andar, Brasília-DF. CEP: 70055-900.

Telefone: (61) 3429-1831

www.marinha.mil.br

faleconosco@marinha.mil.br



CAPA

UMA MARINHA PARA TODOS!

26

ENTREVISTA

A SOBERANIA DA DEFESA NACIONAL 04
E OS DIREITOS MILITARES

OPERAÇÕES

OPERAÇÃO "DRAGÃO 38": 08
A FORÇA QUE VEM DO MAR

MUITO ALÉM DO MAR 12

CIÊNCIA

UM VERÃO ATÍPICO NA ESTAÇÃO 16
ANTÁRTICA COMANDANTE FERRAZ

A ARTE DE FAZER MEDICAMENTOS 20

TAREFAS ESPECIAIS

AS TROPAS DE ELITE DA MARINHA 23
DO BRASIL

CARREIRA NAVAL

MULHERES DE BRANCO EM 30
VILLEGAGNON

ASPIRANTES ESTRANGEIROS MARCAM 34
PRESENÇA NA ESCOLA NAVAL

GENTE DE BORDO

MARINHA TEM PRIMEIRA MULHER 37
COMBATENTE NAS FILEIRAS NAVAIS

CULTURA

MARINHA DE GUERRA... 40
MARINHA DA ARTE

ARTIGO

PRESENTE EM TODO O PAÍS, A 44
MARINHA REÚNE PROFISSIONAIS DE
DIVERSAS ÁREAS

CURIOSIDADES NAVAIS

ANTIGO, HISTÓRICO E AINDA 47
OPERANTE

A soberania da defesa nacional e os direitos militares

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Fernanda Mendes Medeiros
Fotos: Acervo fotográfico do Ministério da Defesa

Ministro da Defesa, Raul Jungmann, fala à Marinha em Revista

À frente do Ministério da Defesa desde o ano de 2016, o Ministro Raul Jungmann, em entrevista à Marinha em Revista, defendeu a importância das Forças Armadas no emprego militar e no desenvolvimento do País perante a sociedade.

Responsável pelo órgão do Governo Federal incumbido de exercer a direção superior das Forças Armadas, o Ministro, entre os assuntos abordados, explicou ainda sobre os projetos estratégicos desenvolvidos pela Marinha do Brasil, as operações conjuntas, que são realizadas para garantir a segurança e a defesa do País, e os assuntos relacionados à Proteção Social dos Militares.

Como o senhor analisa o cenário dos militares no regime da previdência?

Conforme eu tenho dito em diversas oportunidades, o militar não tem regime previdenciário. A Constituição não prevê um regime previdenciário para os militares. O militar tem um Sistema de Proteção Social envolvendo as áreas de remuneração, saúde e assistência social.

Vale lembrar que, em 2001, os militares passaram por uma reestruturação remuneratória que trouxe grandes ônus. Perderam o tempo de serviço, o auxílio-moradia, o direito à inativa-



de no posto acima, as pensões para filhas, entre outros. Na prática, isso significou um achatamento salarial ao longo de todo esse tempo e que já representa uma economia de aproximadamente R\$ 108 bilhões para a União.

Os militares não estão se furtando a fazer ajustes em suas carreiras, mas estes têm que respeitar as peculiaridades da profissão militar. O Art. 142 da Constituição é muito claro ao falar dos militares, por isso mesmo não estão incluídos na Reforma da Previdência e os ajustes serão feitos por intermédio de projeto de lei. A dedicação exclusiva e a disponibilidade permanente têm que ser levadas em consideração, pois afetam não apenas o militar, em suas atividades profissionais, mas também toda a estrutura familiar.

O que o senhor teria a dizer para aqueles que argumentam que os militares estão onerando a previdência?

O militar tem um “contrato social” por meio do qual abre mão de seu bem mais sagrado ao arriscar a própria vida em prol da Pátria. Além disso, não faz jus a diversos direitos, tais como direito de greve, de sindicalização, de acúmulo de emprego, de FGTS, horas-extras remuneradas, adicional noturno, adicional de periculosidade, não tem banco de horas, entre outros.

Ao invés de onerar, os militares proporcionam uma economia anual para a União, pois deixam de receber compensação financeira por determinadas atividades exercidas que receberiam, caso estivessem regidos pela mesma legislação dos servidores e trabalhadores civis.

Por sua vez, o Estado assume as despesas com a inatividade dos militares e complementa os valores necessários para o pagamento das pensionistas. O militar contribui, em média, durante 62 anos para a pensão militar.

“O militar tem um “contrato social” por meio do qual abre mão de seu bem mais sagrado ao arriscar a própria vida em prol da Pátria”

Raul Jungmann, Ministro da Defesa

Diante da crise econômica que o País vive atualmente, quais são as prioridades orçamentárias do Ministério para atender as três Forças?

As principais prioridades envolvem a continuidade dos projetos estratégicos e a manutenção da capacidade operacional das Forças Armadas.

A maioria dos projetos estratégicos das Forças está no Programa de Aceleração do Crescimento e tem uma programação própria que recebeu um contingenciamento inferior ao que foi imposto às despesas discricionárias.

O contingenciamento das despesas discricionárias afeta diretamente a capacidade operacional e é motivo de preocupação, mas têm sido feitos todos os contatos com a área econômica do governo para garantir que essa capacidade não seja perdida.

Qual a importância estratégica da “Amazônia Azul”, especialmente em relação ao desenvolvimento do Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul, para o desenvolvimento econômico e a defesa do país?

O Brasil possui um litoral de cerca de 8,5 mil km² e uma vasta área oceânica de 4,5 milhões de km², que compreende a Zona Econômica Exclusiva (ZEE) e a Plataforma Continental. Em face das dimensões e das potencialidades desse espaço marítimo serem equivalentes à nossa Amazônia Verde, passamos a denominá-lo de “Amazônia Azul”. Dessa forma, a Marinha do Brasil garante os interesses nacionais na Amazônia Azul, nas águas interiores e cumpre ainda a sua missão de proteger

nossas riquezas e de cuidar da nossa gente.

Para defender os interesses brasileiros na Amazônia Azul, a Marinha concebeu o Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul (SisGA-Az), sistema de monitoramento e controle relacionado com o conceito internacional de segurança marítima e com a proteção das Águas Jurisdicionais Brasileiras.

É importante ressaltar que mais de 95% do comércio exterior brasileiro é transportado por via marítima. Por isso, é de fundamental relevância assegurar o controle das vias de comércio marítimo, assim como o petróleo e a pesca, que são potencialidades econômicas.

Na Zona Econômica Exclusiva (ZEE), o Brasil tem direito de soberania para fins de exploração e aproveitamento, conservação e gestão dos recursos naturais, vivos ou não, das águas sobrejacentes ao leito do mar, do solo e subsolo marinhos e, no que se refere a outras atividades, para exploração e aproveitamento da zona para fins econômicos, como a produção de energia a partir da água, das correntes marítimas e dos ventos. O Brasil tem ainda a liberdade de navegação, sobrevoo e de colocação de cabos e dutos submarinos na ZEE. Como Estado costeiro, o país fixará a captura permissível dos recursos vivos dentro da zona. Na Plataforma Continental, o Brasil exerce direitos de soberania para efeitos de exploração e aproveitamento dos recursos naturais ali existentes.

Qualquer modelo de vigilância para a “Amazônia Azul” passa, necessariamente, pelo adequado aparelhamento da Marinha. Nesse sentido, o Ministério da Defesa vem se esforçando para que a Força continue desenvolvendo seus diversos projetos estratégicos e programas que lhe permitirão dispor dos meios capazes de proteger os interesses do Brasil.

A Marinha vem se dedicando para ingressar no rol dos seletos países que dispõem de um submarino com propulsão nuclear. Em Itaguaí (RJ), além do submarino nuclear (SN-BR), a Força está desenvolvendo quatro submarinos convencionais (S-BR), que já estão em fase de construção. Como o senhor avalia os benefícios oriundos da construção desses meios para o País?

Criado em 2008, o Programa de Desenvolvimento de Submarinos (Prosub) prevê o projeto e a construção de uma Infraestrutura Industrial e de Apoio à operação de submarinos, a construção de quatro submarinos convencionais e o projeto e construção do primeiro submarino brasileiro com propulsão nuclear.

O Complexo Naval, localizado na cidade de Itaguaí (RJ), possui 750 mil metros quadrados. O conjunto é composto por uma Unidade de Fabricação de Estruturas Metálicas (Ufem), dois estaleiros, um de construção e outro de manutenção, base naval, complexo radiológico, duas docas secas, oficinas, áreas administrativas, 13 cais e um elevador de navios (*shiplift*) – com capacidade para suportar oito mil toneladas. Além de um Centro de Instrução e Adestramento para as tripulações dos submarinos.

O Programa tem três premissas básicas: transferência de tecnologia, exceto na área nuclear, nacionaliza-

“Mais de 95% do comércio exterior brasileiro é transportado por via marítima. Por isso, é de fundamental relevância assegurar o controle das vias de comércio marítimo”

Raul Jungmann, Ministro da Defesa

ção de equipamentos e sistemas e capacitação de pessoal.

Um dos aspectos mais notáveis do Prosub diz respeito ao arrasto tecnológico a ser vivido pelo País, em função da transferência de tecnologia, que garantirá ao Brasil a capacidade de projetar, construir, operar e manter seus próprios submarinos convencionais e o com propulsão nuclear.

No campo da Defesa, com o Prosub, o Brasil poderá assegurar de maneira mais eficiente a tarefa de negação do uso do mar, contando com uma força naval submarina de envergadura, composta de submarinos convencionais e de um submarino com propulsão nuclear.

A Marinha, pelo sétimo ano consecutivo, tem um comandante brasileiro à frente da Força-Tarefa Marítima da Força Interina das Nações Unidas no Líbano (Unifil), que busca a estabilização da paz na

região. Qual a importância estratégica de ter a Marinha e o Brasil à frente dessa missão?

As Forças Armadas brasileiras estão desde 2011 no comando da missão de paz da Força-Tarefa Marítima (FTM) da Força Interina das Nações Unidas no Líbano (Unifil). A Marinha do Brasil mantém um navio e uma aeronave orgânica na costa libanesa com o objetivo de impedir a entrada de armas ilegais e contrabandos naquele país, além de contribuir para o treinamento da Marinha libanesa, de modo que esta possa conduzir suas atribuições de forma autônoma.

A participação do Brasil em missões de paz, amparada pela Constituição Federal, pela Política Nacional de Defesa e pela Estratégia Nacional de Defesa, é um instrumento muito importante à Política Nacional, pois, além de representar o cumprimento com suas obrigações em nível mundial, contribui para estreitar as



relações com países de particular interesse para a política externa brasileira, acarretar crescente prestígio à política externa brasileira, aumentando a projeção do País no cenário mundial, manter o adestramento das tropas, assim como divulgar no exterior produtos de Defesa nacionais utilizados pela tropa brasileira em operações de paz.

A missão dos militares brasileiros no Haiti foi encerrada em 2017. Como o senhor avalia a atuação, por 13 anos, dos Fuzileiros Navais brasileiros naquele país?

O trabalho desenvolvido pelas Forças Armadas brasileiras no Haiti foi de extrema eficiência e relevância. A participação dos militares brasileiros é reconhecida pelo povo haitiano e por autoridades internacionais pela desenvoltura com que combinam funções militares, como o patrulhamento, com atividades sociais e de cunho humanitário.

A Marinha realiza rotineiramente diversas operações de fiscalização nas águas interiores brasileiras, seja para combater o tráfico transfronteiriço seja para fiscalizar o tráfego aquaviário. Como o senhor avalia o trabalho da Forças Armadas nessas regiões de fronteiras?

Além da missão precípua de Defesa da Pátria, que cumpre com as duas Forças coirmãs, a Marinha do Brasil contribui também com as ações de combate ao tráfico de drogas e armas na fronteira, empregando navios, aeronaves, viaturas, lanchas e pessoal em nossos rios, lagos, bacias e lagoas.

Na defesa dos interesses nacionais, as Forças Armadas têm atuado de modo integrado com outros setores do Estado. Essa coordenação de esforços é visível em ações como as destinadas a garantir a segurança das fronteiras brasileiras. Como exemplo, a Operação “Ágata”

“A reestruturação da Proteção Social visa ainda manter a capacidade de atrair e reter talentos para as Forças Armadas. Cada vez mais, os equipamentos são sofisticados, de última geração e precisamos contar com jovens adequadamente remunerados, motivados e capacitados a operá-los.” Raul Jungmann, Ministro da Defesa
Raul Jungmann, Ministro da Defesa

– coordenada pelo Ministério da Defesa, por intermédio do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas (EMCFA) – mobiliza efetivos da Marinha, do Exército e da Aeronáutica para atuar, de forma episódica, em pontos estratégicos da fronteira.

Durante a operação, são realizadas missões táticas destinadas a coibir delitos como narcotráfico, contrabando e descaminho, tráfico de armas e munições, crimes ambientais, imigração e garimpo ilegais. As ações abrangem desde a vigilância do espaço aéreo até operações de patrulha e inspeção nos principais rios e estradas que dão acesso ao País.

As atividades são planejadas e distribuídas em regiões fronteiriças, principalmente por meio das atividades de patrulha e inspeção naval. Além disso, essas atividades são intensificadas na realização de operações singulares/interagências, tais como Operação “Amazônia Azul” e Operação “Verão”. Em todas essas, a Marinha tem contado com o apoio crescente de órgãos das esferas federais, estaduais e municipais, envolvidos no combate aos crimes transfronteiriços. ⚓





Operação “Dragão 38”: a força que vem do mar

Exercício envolveu 2,8 mil militares, além de meios navais, aeronavais e terrestres

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Mariana Granja
Fotos: Segundo-Sargento (MO) Percut



Foram dias de muita ação no mar, no ar e na terra. Exercícios que movimentaram o litoral do Espírito Santo com embarcações, aeronaves e militares, todos voltados para um único objetivo: contribuir para o aprestamento da tropa em uma das operações anfíbias de maior complexidade. Esta foi a Operação “Dragão 38”, realizada pela Marinha do Brasil de 3 a 9 de dezembro de 2017.

A Operação “Dragão” permaneceu inativa por alguns anos, mas voltou a ser realizada em 2016, com força total. Em 2017, a Dragão contou com cerca de 2.800 militares, além de meios navais e aeronavais do Comando em Chefe da Esquadra, dos Comandos do 1º e do 2º Distritos Navais, da Força de Fuzileiros da Esquadra e do Comando do Desenvolvimento Doutrinário do Corpo de Fuzileiros Navais.

A operação se desenvolve a partir de um conflito fictício cujo foco se localiza em terra firme. Tendo esse cenário como pano de fundo, os militares da Marinha do Brasil são acionados e se deslocam através do mar ao local da ação, onde realizam um assalto anfíbio.

O assalto é a fase mais importante, mas, para ser bem-sucedida, uma missão desse porte começa muito antes. Ela demanda um planejamento minucioso que envolve desde questões logísticas, como suprimentos e combustível, até estratégias de deslocamento e aplicação dos meios navais e aeronavais.

Na Operação “Dragão 38”, após o planejamento, partiram do Rio de Janeiro (RJ) dois navios capitais: Navio Doca Multipropósito “Bahia” e Navio de Desembarque de Carros de Combate “Almirante Saboia”. Eles transportaram as tropas, além de meios navais, como Embarcações de Desembarque e Carros Lagarta Anfíbios (CLAnf), e terrestres, como caminhões e viaturas leves.

Também se lançaram ao mar as fragatas “Liberal” e “União”, responsáveis por proteger os navios capitais em caso



Militar durante “Dia D” da Operação “Dragão”

de ataque, e outras embarcações, como navios varredores e rebocadores. No total, dez embarcações estiveram envolvidas na “Dragão”.

Durante o percurso, ocorreram, entre outros, exercícios de ameaça de submarinos, de navios inimigos e de aeronaves, e as fragatas tiveram a missão de garantir a defesa dos navios capitais.

PREPARAÇÃO

Antes de iniciar o assalto anfíbio, a região de abicagem foi tomada por navios varredores, que vasculharam o local em busca de minas, e por navios patrulha, que transportaram a Força Avançada. Composta por mergulhadores de combate e por uma equipe de comandos anfíbios, a Força Avançada foi responsável por fazer o reconhecimento do local e cumprir determinadas missões antes do desembarque das tropas, chamadas de “Missões de Força Avançada pré-dia D”.

Segundo o Chefe do Estado-Maior do Comando da 2ª Divisão da Es-

quadra, Capitão de Fragata Rodrigo Guimarães Dobbin, a equipe da Força Avançada demarcou uma raia segura no mar para a passagem dos navios capitais. Também desativou um suposto sistema de radar de costa com um lançador de mísseis, que era uma ameaça para a aproximação das tropas no contexto do exercício.

“Sempre que há uma operação anfíbia, existe uma operação anterior desenvolvida pela Força Avançada, normalmente por meio de elementos de operações especiais infiltrados muito antes, ou por embarcação ou por aeronave”, explica, por sua vez, o Coordenador do Grupo de Controle do Comando de Operações Navais, Capitão de Mar e Guerra, Fuzileiro Naval (FN), Anderson da Costa Medeiros.

Assim, quando é chegada a hora do assalto anfíbio, os navios capitais podem se aproximar da praia com segurança. Enquanto isso, cabe às embarcações escoltas proteger seus flancos.

PLANEJAMENTO

Duas forças discutem em conjunto o planejamento da missão: a Força Tarefa Anfíbia (ForTarAnf), que pertence ao Corpo da Armada e é responsável pelos meios navais, e a Força de Desembarque (ForDbq), integrada pelos meios de fuzileiros navais.

Embora atuem no mesmo nível de planejamento, com o início da missão, a ForDbq fica subordinada à ForTarAnf. Um sistema de organização que não impede a interoperabilidade e o diálogo constante entre os setores, que dependem um do outro para que a missão seja bem-sucedida.

“Essa interoperabilidade ocorre, cada um tem o seu papel, e a Força de Desembarque tem demandas que são apresentadas à ForTarAnf e vice-versa. Essas coordenações são feitas por meio das agências de coordenação do apoio de fogo, logística e outras”, explica o encarregado da Seção de Logística do Comando da Divisão Anfíbia, Capitão de Fragata, Fuzileiro Naval, Cláudio Zupo Valente.

ASSALTO ANFÍBIO

O assalto anfíbio é descrito como o “dia D” da operação. No exercício realizado durante a “Dragão 38”, o objetivo da missão foi conquistar uma cabeça de praia em Itaoca (ES), bloqueando o fluxo logístico de seu inimigo.

A ação teve início antes mesmo do amanhecer, com o desembarque de 750 homens do Batalhão de Infantaria do Corpo de Fuzileiros Navais, dividido em quatro companhias.

Eles chegaram à praia, inicialmente por meio de 13 Carros Lagarta Anfíbios (CLAnf), e foram seguidos por Embarcações de Desembarque de Viaturas e Material e Embarcações de Desembarque de Carga Geral, que levaram, entre outros veículos, quatro viaturas Piranha.

Tanto os CLAnf quanto as viaturas Piranha foram usados por ofe-

recerem proteção blindada à tropa, permitindo que os soldados se aproximem mais do alvo em segurança, algo essencial em um combate em terra.

“A viatura blindada também oferece ação de choque. Causa um efeito psicológico na tropa inimiga. O homem está numa trincheira e vê uma coluna pesada de blindados fazendo barulho, tremendo o chão, e isso causa um efeito choque, um efeito psicológico, naquele inimigo”, explica o Capitão de Fragata Zupo Valente.

GRUPO DE CONTROLE

No contexto criado para a Operação “Dragão 38”, o inimigo tinha capacidade nuclear, química, biológica e radiológica, além de explosivos, e as tropas precisavam ser testadas para estas situações.

Isso foi tarefa para o Grupo de Controle (GruCon), que criou eventos e os inseriu no exercício durante a sua realização. Sem ter o objetivo de interferir na manobra realizada pelos Fuzileiros Navais, mas apenas garantir que as tropas fossem testadas e avaliadas adequadamente, o GruCon teve à sua disposição 64 eventos durante a ação.

“Criamos o evento e tivemos um observador que estava em terra avaliando a tropa. Ele foi avisado pelo GruCon sobre o que ia acontecer”, afirmou o comandante Anderson da Costa.

Assim, dependendo da resposta da tropa a cada obstáculo criado, outros vão sendo incluídos ou retirados, tudo em prol do treinamento mais completo possível.



Navios participantes da Operação “Dragão 38”

LOGÍSTICA

Para que os objetivos da operação fossem alcançados e as tropas conseguissem avançar em terra, foi preciso um planejamento logístico intenso. Todas as tarefas foram divididas e cada militar foi responsável pelo sucesso da “Dragão 38”.

A operação foi gerida por meio de um grupamento operativo, dividido em componentes. O Componente de Comando concentrou basicamente os meios de comunicações. O Componente de Combate Terrestre foi composto pelo batalhão, que pisou em terra e entrou em contato com o inimigo. Foi nele que a tática residiu. O Componente de Combate Aéreo, por sua vez, envolveu a aviação e a defesa antiaérea.

E, finalmente, houve o Componente de Apoio e Serviço ao Combate, que

englobou toda a logística. Para que todos os outros componentes sobrevivessem e tivessem condições de se manter em combate, foi necessária uma logística que suprisse todas as necessidades de água, comida, munição, combustível e outros equipamentos.

O Componente de Combate Terrestre foi o primeiro a chegar à praia para fazer o contato inicial e forçar o inimigo a recuar, proporcionando segurança para que os demais desembarcassem.

Inicialmente, foi montada uma área de apoio de praia. À medida que os suprimentos chegavam, essa área cresceu e se tornou uma área de apoio de serviço ao combate, uma estrutura um pouco mais forte e com maior capacidade de distribuição de suprimentos.

“Uma operação anfíbia se caracte-

“A viatura blindada também oferece ação de choque. Causa um efeito psicológico na tropa inimiga. O homem está numa trincheira e vê uma coluna pesada de blindados fazendo barulho, tremendo o chão, e isso causa um efeito choque, um efeito psicológico, naquele inimigo”

Capitão de Fragata, Fuzileiro Naval, Zupo Valente

riza por isso. Você parte do zero. Você tem zero apoio e vai construindo esse poder de combate em terra a partir do momento em que seus poderes constituintes vão chegando”, esclarece o Capitão de Fragata Zupo Valente.

OBJETIVO CONCLUÍDO

Após o avanço das tropas e a conquista dos objetivos definidos, a operação anfíbia entra em sua fase defensiva. A manutenção da situação em terra é a prioridade, e outras tropas podem chegar para assumir o controle da situação. A partir daí ocorre a ordem de reembarque.

“A doutrina prevê que, em uma operação anfíbia, é realizada a conquista da cabeça de praia, dos objetivos e a missão é cumprida. Depois, aquela tropa é reembarcada nos meios navais e fica pronta para uma nova missão”, conclui o Capitão de Fragata Zupo Valente.

E não foi diferente na “Dragão 38”. Depois da conquista da cabeça de praia, os militares retornaram progressivamente aos navios capitais onde estavam mobilizados. O exercício foi concluído e as tropas provaram sua capacidade em superar desafios. 🚩



Muito além do mar

Dentre as diversas atribuições da Marinha do Brasil constantes em sua missão, está a de guardar as águas interiores do País, que representam 13,7% do volume de água doce do mundo

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Ana Carolina Freitas de Oliveira
Fotos: Acervo fotográfico do CCSM



“Água que nasce na fonte serena do mundo e que abre um profundo grotão.

Água que faz inocente riacho e deságua na corrente do ribeirão. Águas escuras dos rios que levam a fertilidade ao sertão. Águas que banham aldeias e matam a sede da população”. Guilherme Arantes, nos versos contidos em uma de suas mais belas composições, “Planeta Água”, retrata a faceta de um Brasil dono de uma imensidão de água doce, com cerca de sete mil quilômetros cúbicos, o que equivale, por habitante, a 43 mil metros cúbicos. A dimensão corresponde a 13,7% do volume do planeta, o que ratifica a qualidade do País como um “gigante natural”. A importância da hidrografia brasileira no contexto planetário é comprovada pelo fato de que duas das dez maiores bacias hidrográficas do globo têm grande parte da sua área localizada em terras brasileiras: a bacia Amazônica (a maior do mundo), que apresenta quase 60% dos seus sete milhões de quilômetros quadrados de área total no Brasil, e a bacia Platina, que tem 1,4 milhão de quilômetros quadrados em terras brasileiras. Merece destaque também



Apreensão de madeira no Alto Solimões (AM)

o fato de correr, em parte, pelo território brasileiro, o maior rio do globo: o Amazonas, com uma extensão total de 7.100 km.

A despeito de serem fatos notórios, o que ainda causa dúvidas é sobre quem recai a responsabilidade por guardar tamanha riqueza. O sen-

so comum, que restringe a atuação da Marinha do Brasil (MB) aos mares e à defesa do País, oculta os largos braços da Força Naval que envolvem as águas interiores do Brasil em todas as atividades atinentes aos rios, lagos e riachos. Desde a implementação e a fiscalização do cumprimento da



Militares da Marinha inspecionam embarcação



Marinha em atuação no Lago Paranoá, em Brasília (DF)

legislação da segurança do tráfego aquaviário à salvaguarda da vida humana nas águas, os militares da MB trabalham diuturnamente para cumprir a missão da Força no interior do País e contam com emprego de meios navais, aeronavais e de fuzileiros navais.

FAZER VALER AS LEIS

É atribuição subsidiária da Marinha do Brasil implementar e fiscalizar as leis e regulamentos relacionados ao mar e às águas interiores, por meio de operações de patrulha e inspeção naval, que por vezes são coordenadas em conjunto com outros órgãos do Poder Executivo, Federal ou Estadual, de forma a prevenir e reprimir a prática de ilícitos, como a pesca ilegal, o contrabando e tráfico de entorpecentes.

Ao todo, existem 63 capitânicas, delegacias e agências, distribuídas

pelos nove distritos navais que compõem a presença da MB no Estado Brasileiro. Uma das principais atividades realizadas por essas organizações militares são as inspeções navais, que, por meio da fiscalização, zelam pela segurança da navegação e pelo controle do tráfego de pessoas e materiais, a fim de fazer valer a legislação vigente. Segundo o Diretor de Portos e Costas, Vice-Almirante Wilson Pereira de Lima Filho, a Marinha do Brasil desenha seu planejamento estratégico alinhada ao crescimento do fluxo nas águas interiores. “O desenvolvimento econômico do período de 2010 a 2016 gerou o crescimento de 19,2% do volume transportado em hidrovias. Espera-se que as atividades continuem a crescer, o que demandará maior protagonismo das capitânicas, delegacias e agências, que serão redimensionadas em termos de pessoal e de meios”.

Segundo o Diretor de Portos e Costas, “a Marinha do Brasil tem papel fundamental nos aspectos envolvendo a navegação de embarcações regionais, os comboios fluviais e a navegação do pessoal ribeirinho, destacando-se os assuntos relacionados a evitar abalroamento de embarcações, eclusagem, inscrição de embarcações, estabelecimento do número de tripulantes de embarcações e material de salvatagem”, destaca.

QUALIDADE DAS ÁGUAS

A manutenção da qualidade das águas também faz parte da atuação da Marinha nas águas interiores. Os procedimentos de segurança adotados pela Força Naval cumprem o que determina a legislação e é uma das funções da Marinha trabalhar para que a riqueza hídrica do País seja preservada. As organizações militares, nas diferentes regiões do País,



“A Marinha do Brasil tem papel fundamental nos aspectos envolvendo a navegação de embarcações regionais, comboios fluviais e navegação do pessoal ribeirinho”

**Diretor de Portos e Costas,
Vice-Almirante Lima Filho**

Segundo o Capitão dos Portos de São Paulo, Capitão de Mar e Guerra Alberto José Pinheiro de Carvalho, é de fundamental importância a presença, no estado de São Paulo, da capitania, como agente da Autoridade Marítima, exercendo as atividades relacionadas à segurança da navegação, salvaguarda da vida humana nas águas e prevenção da poluição hídrica. “Reveste-se de grande importância, pois faz parte da área de jurisdição da CPSP duas grandes represas, Guarapiranga e Billings, no estado de São Paulo, e a de Furnas, em Minas Gerais, conhecida como o “Mar de Minas”, onde existe grande atividade náutica”, afirmou. Os serviços da Capitania dos Portos de São Paulo envolvem um universo de mais de 160 mil amadores e cerca de 120 mil embarcações, tornando-se a maior capitania do Brasil.

De acordo com dados da Diretoria de Portos e Costas, de 1º de janeiro a 31 de outubro de 2017, foram qualificados no País 10.124 novos trabalhadores aquaviários, gerados 37.125 cadernetas de inscrição e registro e emitidos 68.890 certificados. Também foi contabilizada, para profissionais não tripulantes, tripulantes não aquaviários e profissionais de proteção marítima, a emissão de 29.433 certificados. Foram ainda instaurados 719 inquéritos administrativos sobre acidentes e fatos da navegação. 🚢

participam de ações conjuntas para despoluição e, por meio da fiscalização, reprimem práticas abusivas que gerem danos ambientais aos leitos e degradem as águas.

Um exemplo foi a iniciativa da tripulação da Delegacia da Capitania dos Portos em Itajaí, em Santa Catarina que, em março de 2016, participou da 6ª edição do projeto “Juntos pelo Rio”. A ação, alusiva ao Dia Mundial da Água, teve como objetivo conscientizar a população do município por meio da limpeza do rio Itajaí-Açu. Duas equipes da delegacia, com três lanchas, uma moto aquática e uma embarcação de alumínio, percorreram o rio para a coleta de quase três toneladas de lixo.

EDUCAÇÃO DA POPULAÇÃO

Como parte do leque de atividades realizadas pela Marinha no interior do País estão as ações educativas voltadas

às populações ribeirinhas, pantaneiras e das que tiram sua subsistência dos cursos fluviais. Diversas organizações militares atuam como disseminadoras de conhecimentos relativos à prevenção de acidentes, retiradas de documentos, regulamentação de embarcações, exigências de itens de segurança, navegação segura em condições climáticas adversas e capacidade máxima de pessoas por embarcação.

Um dos casos ilustrativos é o da Capitania dos Portos de São Paulo (CPSP) que, em maio de 2016, em parceria com a Fundação Nacional do Índio (Funai) e as empresas Ecology Brasil e Rumo Logística S/A, realizou o Curso de Pescador Profissional para os indígenas, da Aldeia Krukutu, localizada entre os municípios de São Bernardo do Campo (SP) e Parelheiros (SP). Ao todo, foram capacitados 27 indígenas, para atuarem como pescadores profissionais.

Um verão atípico na Estação Antártica Comandante Ferraz

O cenário de pesquisas deu lugar às obras para a reconstrução da Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF). A nova estação abrangerá uma área de quase 4.500 metros quadrados e contará com 17 laboratórios

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Joana Martins Ferreira Correia
Fotos: Suboficial (AR) Alexander Vieira e Cabo (AR) Vitor Lima de Oliveira



Uma imensidão branca na qual a natureza é vista na sua forma mais primitiva, com poucas intervenções humanas. Um cenário de tranquilidade e muita diversidade científica, à beira da Baía do Almirantado, na ilha Rei George, Arquipélago Shetlands do Sul. Esse é o pedacinho do Brasil no continente dos superlativos: a Antártica. Local que desde 1984 abriga a Estação Antártica Comandante Ferraz, mantida pela Marinha do Brasil.

Há cerca de seis anos, após um incêndio, ocorrido em 2012, que destruiu dois terços das instalações da base brasileira, apenas módulos emergenciais dão suporte às pesquisas brasileiras desenvolvidas na Estação. No entanto, esse cenário vem sendo transformado e, em breve, os módulos emergenciais darão lugar a um novo ambiente. A reconstrução da Ferraz começou em dezembro de 2016, após a empresa chinesa Ceiec ter vencido o processo licitatório internacional promovido pela Secretaria da Comissão Interministerial de Recursos do Mar. Na ocasião, equipamentos para realização das obras, vindos da China, desembarcaram no continente mais frio e seco do planeta.

Em janeiro de 2017, pedreiros,

técnicos e engenheiros deram início às obras. Cerca de cem operários trabalhavam dia e noite para garantir a conclusão, ocorrida em março de 2017. “Tivemos um cronograma de 85 dias, aproximadamente e, mesmo com as dificuldades do clima e do tempo, conseguimos concluir toda a primeira etapa, a fundação”, declarou Rodrigo Ajaj Serafien, Engenheiro Civil da China Electronics Imports and Exports Corporation (Ceiec), empresa chinesa responsável pela reconstrução.

Foram usados 1.200 blocos de concreto nas fundações da base. O transporte desse material foi feito por um navio da empresa Ceiec. Com uma balsa e guindastes, os blocos foram retirados do navio chinês e levados até o terreno da nova estação. Retroescavadeiras foram utilizadas para a abertura de trincheiras, nas quais foram colocadas as fundações formadas por estruturas quadradas que envolvem chapas de aço e blocos de concreto. Toda a movimentação do material foi feita com bastante cautela, preservando a segurança dos trabalhadores. “Encontramos diversas situações de nevasca, rajadas de vento muito fortes, que dificultavam as movimentações das peças e o uso dos guindastes. Por isso, o controle de segurança foi reforçado e está-

vamos sempre atentos, tentando antecipar qualquer situação de risco. E ter trazido todas as peças pré-moldadas, pré-fabricadas, foi o grande diferencial para a prontificação dessa etapa, pois facilitou muito a montagem”, disse Rodrigo.

Mas as dificuldades não se limitaram ao clima e ao escasso tempo disponível, sempre influenciado pelas condições climáticas. Como a empresa que ganhou a licitação para reconstruir Ferraz é chinesa, ocorreram também dificuldades de comunicação. Para amenizar esse contratempo, dois intérpretes faziam a mediação entre engenheiros brasileiros contratados pela empresa, militares e operários chineses. “Nesse verão atípico[2016/2017], nosso principal desafio foi tentar entender como a cultura chinesa poderia ser inserida na cultura brasileira, e assim trabalharmos juntos em prol dessa construção”, afirmou o ex-Chefe da Estação Antártica Comandante Ferraz, Capitão de Fragata Rodrigo Cersosimo Kristoschek.

Segundo Kristoschek, esse entendimento foi fundamental para que toda a supervisão e coordenação das operações logísticas — que estavam a cargo do grupo base da EACF, composto por, aproximadamente, 15 militares — fossem realizadas com sucesso.



CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

Superadas as dificuldades climáticas e as diferenças culturais, outro ponto de atenção e extremo cuidado foi a implantação de todos os programas ambientais. “Todo o estudo da obra foi realizado para que fossem minimizados ao máximo os possíveis impactos ambientais. Todas as intervenções são monitoradas para termos a certeza que estamos causando o menor impacto possível. Só assim conseguiremos entregar um projeto maravilhoso, sem afetar a fauna e a flora da região”, afirmou o Engenheiro Ambiental da Ceiec, Nicolau Lucif.

Nicolau explicou que as principais atividades do planejamento ambiental estavam relacionadas com a avaliação de alguns parâmetros de qualidade do ar, devido à emissão de fumaça preta dos veículos, qualidade da água e do solo. Foram feitos também monitoramentos dos ruídos que

podem impactar os trabalhadores, assim como os animais que habitam a região.

Como o ambiente antártico é protegido mundialmente, toda e qualquer intervenção precisou seguir os padrões estabelecidos no Protocolo de Proteção Ambiental da Antártica. Os estudos referentes aos impactos ambientais também foram realizados e aprovados pelo Ministério do Meio Ambiente. Foi realizada, ainda, uma força-tarefa entre a Secretaria da Comissão Interministerial para Recursos do Mar (Secirm), Ministério do Meio Ambiente e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), que trabalharam para que todas as exigências fossem cumpridas.

As exigências são muitas, mas um planejamento minucioso garante que nada saia fora do previsto. Até porque, o único imprevisto permitido naquela região está relacionado às

condições climáticas — fator decisivo para o andamento das obras, que só podem ser realizadas no período do verão antártico, de outubro a março.

Em novembro de 2017, uma equipe de 20 trabalhadores da Ceiec chegou à estação para fazer a limpeza da neve acumulada durante o inverno antártico no canteiro de obras, testar o funcionamento dos geradores, tratores, guindastes, caminhões, embarcação de desembarque e reativar a plataforma de desembarque deixados pela Ceiec na Antártica.

Em dezembro, o Navio Mercante “Magnólia” atracou na Antártica, vindo de Xangai, com todos os contêineres necessários para a reconstrução de estação. A conclusão da montagem, a realização dos testes, o comissionamento e a inauguração da estação estão previstos para o próximo verão antártico: outubro de 2018 a março de 2019.



ESTRUTURA

Estão previstas as instalações dos setores funcionais da Estação, que estão organizados em blocos. O bloco superior abrigará os camarotes e as áreas de serviço de jantar/estar. No bloco inferior, serão incorporados os laboratórios e as áreas de operação e manutenção. Este mesmo bloco contemplará as garagens e o paiol central.

Com *design* moderno e tecnologia de ponta, a arquitetura da nova base contempla um conceito de planejamento semelhante ao que é empregado a uma cidade de pequeno porte, isolada das demais facilidades urbanas, em que se devem ter condições de vida com boa qualidade e segurança para toda a população residente.

Com a conclusão das obras, a Estação Comandante Ferraz terá capacidade para 64 pessoas durante o verão e 34 no inverno. A edificação brasileira contará com 17 laboratórios, setor de saúde, biblioteca, sala de estar, entre outros departamentos. Ela abrigará uma população formada por militares da Marinha e pesquisadores.

Os civis permanecerão em pesquisas por períodos de 30 dias durante o verão antártico, que vai de outubro a março. Já os militares ficam na estação durante um ano para apoiar o desenvolvimento das atividades de pesquisa, prover a manutenção das instalações e manter, permanentemente, a presença brasileira no continente.

AS EXPECTATIVAS

“A expectativa é que a nova Estação permita que trabalhos, que hoje são realizados somente no Brasil, sejam feitos já *in loco*. Por exemplo, com a nova Estação já poderíamos realizar a extração do DNA de algumas espécies e não perderíamos muito material no transporte até o Brasil”, relatou, ansioso, o pesquisador do programa de Pós-Graduação de Ciências Biológicas da Universidade

Federal do Pampa Rodrigo Paidano Alves.

A reconstrução da Estação possibilitará dar continuidade a pesquisas importantes ligadas ao monitoramento de fenômenos da alta atmosfera, como temperatura e ondas gravitacionais, ao monitoramento da dinâmica do buraco de ozônio atmosférico e dos raios ultravioleta, de parâmetros atmosféricos de superfície, inventários de fauna e flora locais (ambos terrestres e marinhos), qualidade do ar, impactos ambientais locais (contaminação de solos) e outros. “Tenho certeza de que a nova estação vai nos dar um suporte maior e, também, nos auxiliar na realização de pesquisas de maiores dimensões, pois poderemos usufruir mais dos laboratórios que vamos ter aqui, das aparelhagens”, relatou a pesquisadora da Universidade Federal do Pampa Juliana Ferreira. 📍

Programa Antártico Brasileiro

O Programa Antártico Brasileiro (Proantar) foi criado em janeiro de 1982 e, desde então, garante a presença do País na região austral. Nas suas três décadas, o Proantar realiza uma média anual de 20 projetos de pesquisas nas áreas de oceanografia, biologia, biologia marinha, glaciologia, geologia, meteorologia e arquitetura, além de permitir à Marinha do Brasil, com o apoio da Força Aérea Brasileira, realizar uma das maiores operações de apoio logístico, em termos de complexidade e distância.

“Todo o estudo da obra foi realizado para que fossem minimizados ao máximo os possíveis impactos ambientais. Todas as intervenções são monitoradas para termos a certeza que estamos causando o menor impacto possível. Só assim conseguiremos entregar um projeto maravilhoso sem afetar a fauna e a flora da região”

**Engenheiro Ambiental da Ceiec,
Nicolau Lucif**



Navio de Apoio Oceanográfico “Almirante Maximiliano” durante atividades de apoio logístico à Estação



A arte de fazer medicamentos

A Marinha do Brasil conta com o Laboratório Farmacêutico da Marinha que contribui para o desenvolvimento tecnológico da Força com atividades de Ciência, Tecnologia e Inovação, relacionadas às ciências farmacêuticas.

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Mariana de Jesus Ferreira
Fotos: Suboficial (AR) Alexander Vieira e Acervo fotográfico do LFM



É no Rio de Janeiro (RJ) que está localizado o Laboratório Farmacêutico da Marinha (LFM), que, há mais de cem anos, vem buscando se aprimorar na arte de fazer medicamentos. Seja na realização de pesquisas ou na aplicação de novas tecnologias, o laboratório tem o intuito de contribuir para a eficácia do Sistema de Saúde da Marinha (SSM) e para o desenvolvimento tecnológico da Força, com atividades voltadas para as áreas de ciência, tecnologia e inovação relacionadas ao conhecimento farmacêutico.

Atualmente, o LFM conta com 194 militares, 47 servidores civis da Marinha, bem como 49 funcionários

da Empresa Gerencial de Projetos Navais que atuam na produção de medicamentos. Os principais fármacos produzidos são a “Isoniazida 100mg” em comprimido, “Ofloxacino 400mg” em comprimido revestido e “Pirazinamida” para suspensão oral, que atendem os programas de combate à hanseníase e à tuberculose do Ministério da Saúde.

PESQUISAS

Além da produção de medicamentos, o LFM possui diversos projetos de pesquisa na área farmacêutica, entre os quais destacam-se os projetos nas áreas de defesa contra ameaças Nucleares, Biológicas, Químicas e Radiológicas (NBQR).

Nessas pesquisas, são desenvolvidos medicamentos para serem utilizados frente às ameaças decorrentes do emprego de armas de destruição em massa.

Segundo o responsável técnico do LFM, Capitão de Corveta, do Quadro de Apoio à Saúde (S), Sato, um exemplo dessa linha de pesquisa é o desenvolvimento do medicamento Ciprofloxacino, indicado no combate ao bacilo do Antraz, doença infecciosa causada pela bactéria *Bacillus anthracis*. É notória a necessidade de um local adequado para produção do antídoto em casos de infecção pela bactéria. Além disso, é fundamental que este esteja disponível para pronto uso em quantidades



Processo de produção de medicamentos no laboratório

adequadas nas situações emergenciais. “A preparação para resposta a eventos decorrentes do uso de agentes biológicos assume importância cada vez maior no cenário global, principalmente devido ao aumento da população nos grandes centros urbanos e a possibilidade de terrorismo”, explica Sato.

O Ciprofloxacino é ainda utilizado no tratamento de segunda linha da tuberculose. “O fornecimento para o Governo Brasileiro de um medicamento de uso dual favorece a manutenção de um estoque, sem risco de perdas por expiração do prazo de validade. Entre as ações NBQR em andamento, também merece destaque o Projeto Azul da Prússia, cuja finalidade é desenvolver um medicamento para o tratamento de pacientes contaminados por cério e tálio radioativos”, ressalta o responsável técnico.

No que se refere a doenças negligenciadas, que são as doenças tropicais endêmicas causadas por agentes infecciosos ou parasitas, como a malária, a doença de Chagas e a esquistossomose, mais conhecida como barriga d’água, o LFM tem apresentado efetiva contribuição para a saúde nacional.

Vale destacar o fármaco específico desenvolvido para tratar a doença de Chagas, que é uma antroponose causada pelo *Trypanosoma cruzi*, cujo vetor é conhecido popularmente como “barbeiro”. O Benzo-

nidazol é o medicamento usado para a quimioterapia específica da doença de Chagas e atua através da inibição da capacidade de multiplicação do parasita. A doença, quando se manifesta, tem duas fases clínicas: uma aguda, que pode ou não ser identificada; e outra, crônica, que decorre do não tratamento da primeira fase. Estima-se que no Brasil existam entre dois e três milhões de indivíduos infectados.

Desde 1970, o Laboratório Roche era o único produtor e distribuidor desse medicamento, mas, em 2003, foi assinado um acordo de transferência de tecnologia para o Laboratório Farmacêutico do Estado de Pernambuco (Lafepe) e a Roche encerrou sua produção, tornando o Brasil seu único produtor mundial. No entanto, apenas um laboratório público não é suficiente para atender a grande demanda do SUS. “O LFM iniciou, então, o desenvolvimento do produto Benzonidazol 100mg. Após diversos testes, a formulação final do medicamento foi definida

e atualmente se encontra em fase de registro, com resultados satisfatórios nos estudos de equivalência farmacêutica e bioequivalência em comparação ao medicamento do Lafepe”, explica Sato. Com o desenvolvimento desse projeto, é esperada a produção de um medicamento para suprir a demanda de atendimento do SUS, com possibilidade, ainda, de fornecimento para outros países.

Outro projeto que merece destaque é o do suplemento alimentar para melhorar a resistência, a imunidade e o foco nas tarefas desempenhadas por tropas militares. O Projeto Quercetina (QCTN) está em desenvolvimento pelo LFM, sob coordenação do Ministério da Defesa.

A proposta prevê o fornecimento de um suplemento, produzido a partir de um ativo natural derivado da biodiversidade brasileira, para ser empregado na ração operativa para militares em operações e na alimentação dos atletas de alto rendimento, como forma de agregar valor nutricional às refeições.

“O LFM vem ainda consolidando diversas parcerias com universidades e empresas nacionais, com a preocupação de promover o desenvolvimento e a fabricação de produtos estratégicos em território nacional.

COMO TUDO COMEÇOU

A história do LFM se funde com a chegada da família real ao Brasil em 1808. Naquele ano, a Botica Militar, o que hoje chamamos de farmácia, foi



Antigo LFM

instalada no Colégio dos Jesuítas, no morro do Castelo, no Rio de Janeiro (RJ), para prestar assistência de saúde às tropas do Exército e da Armada de Portugal que chegaram escoltando a Família Real Portuguesa.

Com a independência do Brasil, em 1822, D. João VI, expediu um decreto que deu abertura dos Portos brasileiros e a criação de escolas de cirurgiões, iniciando o ensino de farmácia. “Com o passar dos anos, após a proclamação da República, em 1888, o Brasil sofreu mudanças políticas, econômicas e sociais que fizeram com que o Rio de Janeiro, então capital do País, se adequasse aos parâmetros exigidos de uma capital, inclusive a melhoria da assistência de saúde”, afirmou o Diretor do LFM, Capitão de Mar e Guerra (S) José Alexandre Barbosa Lima.

Nos primeiros anos do século XX, outra importante, porém lenta, mudança estava em curso: o desenvolvimento industrial. Algumas farmácias ampliaram suas capacidades de produção de medicamentos transformando-se nos primeiros laboratórios. “A Marinha, pensando em se ajustar às demandas feitas pelo Estado Brasileiro, buscava se inserir no contexto mundial da época. Criou então o Laboratório Farmacêutico e o Gabinete de Análises, instituídos pelo Decreto nº 6.233, de 14 de novembro de 1906, situado nas dependências do Hospital da Marinha, na Ilha das Cobras. Em julho de 1926, o seu nome foi alterado para Laboratório e Depósito de Material Sanitário Naval. Após oito anos, passou a ser chamado Laboratório Farmacêutico Naval”, explicou Barbosa.

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, o Laboratório passou por renovações. Tendo sua organização reestruturada, seu nome foi alterado, assim como o seu regulamento, ficando conhecido como Laboratório Farmacêutico da Marinha.

PRINCIPAIS MEDICAMENTOS NA ÉPOCA

Desde a época do descobrimento, em 1500, a população do Brasil colônia era acometida de várias doenças como: coqueluche; disenterias; difteria; escarlatina; febre amarela; infecções gerais; malária; peste bubônica; sarampo; tifo; tuberculose; e varíola. Os medicamentos para combater essas enfermidades eram produzidos em boticas dirigidas por jesuítas, que em sua maioria eram feitos com matérias-primas naturais, devido à dificuldade em conseguir produtos europeus. Um dos compostos mais famosos utilizados foi a triaga brasileira, substância feita à base de plantas medicinais, usado no combate a diversas doenças, chegando a alcançar fama internacional.

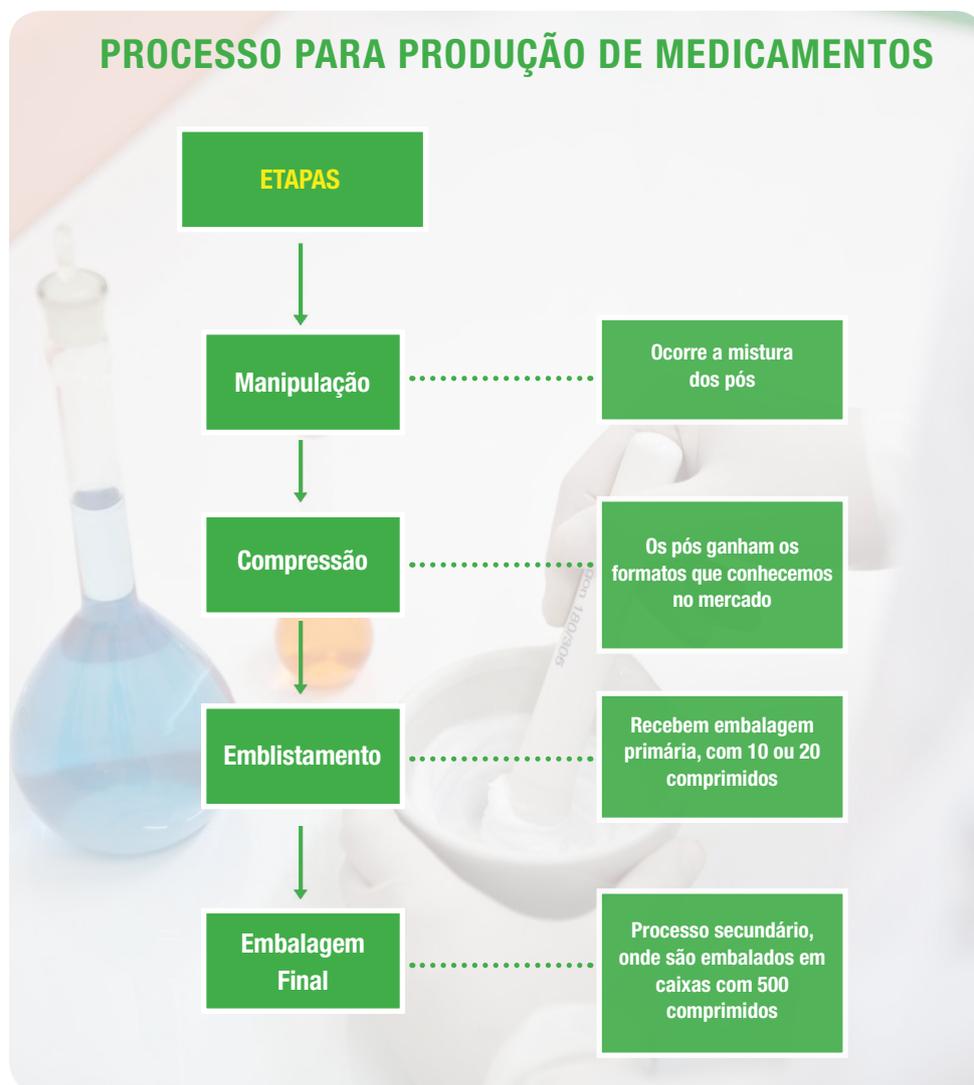
Segundo Barbosa, o uso de ervas

“O LFM vem consolidando diversas parcerias com universidades e empresas nacionais, com a preocupação de promover o desenvolvimento e a fabricação de produtos estratégicos em território nacional”

Responsável técnico do LFM, Sato

nativas na produção de remédios começou a ser intensificado a partir de 1759, quando os jesuítas foram expulsos de seus domínios, tendo seus bens confiscados. Nesse período houve a junção da sabedoria popular com os estudos farmacêuticos na produção de medicamentos que passaram a ser disponibilizados nas boticas com os remédios mais tradicionais. 🌿

PROCESSO PARA PRODUÇÃO DE MEDICAMENTOS





As tropas de elite da Marinha do Brasil

Esses militares, designados para lidar com atividades de alto risco, se preparam com treinos pesados e desafiadores

Por: Primeiro-Tenente (RM2-T) Fernanda Mendes Medeiros/Primeiro-Tenente (RM2-T) Natalie Louise Carvalho Neris
Fotos: Acervo CCSM e BtlOpEspFuzNav



Conflitos internacionais estão presentes nos noticiários diariamente. O Brasil não está envolvido em antagonismos mundiais, mas mesmo não vivenciando esse estado é dever das Forças Armadas estarem preparadas para defender o País em qualquer situação que exija força, estratégia e atuação militar.

A Marinha do Brasil conta com dois grupos de combate que se diferenciam por sua atuação tática. Eles contam com militares altamente adestrados para situações de risco e que lutam por um único objetivo: a segurança nacional. Mas, para poder fazer parte de alguma dessas especialidades, não basta ser apenas militar. O ingresso já exige, de antemão, preparação física e controle emocional. Depois do árduo e pesado curso de formação, esses mi-

litares passam a ser conhecidos como Mergulhadores de Combate (MEC) ou Comandos Anfíbios (Comanf). São essas duas especialidades da Marinha do Brasil que se caracterizam quanto ao emprego rápido, estratégico, silencioso e certo. Eles entram em ação quando o assunto é tarefas especiais.

O Grupamento de Mergulhadores (Grumec) e os Comandos Anfíbios (Comanf) são designados para realizar atividades específicas em operações navais. Esse dois grupos brasileiros estão entre as forças táticas mais bem preparadas do planeta, juntando-se às forças especiais *British Special Air Service* (Serviço Aéreo Especial do Exército da Grã-Bretanha), *US Navy Seals* (Força da Marinha Norte-Americana), *Sayeret Matkal* (Unidade de Reconhecimento Geral da Forças de Defesa de Israel) e

Naval Commandos (Força da Marinha da França).

Tanto os mergulhadores de combate quanto os comandos anfíbios são considerados tropas de elite mais bem treinadas e eficientes. Eles chegam a lugares onde ninguém consegue chegar, localizam possíveis ameaças, eliminam alvos capciosos, cumprem ousadas missões de resgate e estão sempre prontos para o combate. No cenário operativo militar, são altamente conceituados e relevantes.

Os militares que compõem essas tropas possuem qualificação exclusiva para operar em ambientes de temeridade elevada. Deles são exigidos elevados níveis de adestramento e habilidade para empregarem vários tipos de equipamentos que exigem profissionalismo, competência e precisão. São esses

militares que aliam coragem, planejamento detalhado, preparação constante e zelo profissional na condução das atividades que têm como missão.

Para o Contra-Almirante Carlos Eduardo Horta Arentz, mergulhador de combate há mais de 23 anos, engrassar as fileiras desse seletivo grupo é estar preparado para as ameaças não tradicionais, em função de sua peculiar e exigente preparação para atuar em ambientes de risco elevado. “Os Mergulhadores de Combate são uma parcela relevante nas operações de controle de áreas marítimas e de interdição marítima e nas operações anfíbias e ribeirinhas, seja atuando nas abordagens não cooperativas, em nossas Águas Jurisdicionais, em ações de retomada de navios ou plataformas de petróleo, eventualmente sequestradas, no resgate de reféns existentes, seja em apoio às operações de paz sob a égide de organismos internacionais. Além disso, possuem aptidão para serem furtivamente infiltrados em áreas litorâneas e ribeirinhas para executar ações de reconhecimento, sabotagem e destruição cirúrgica de alvos de valor estratégico”, destaca.

O Contra-Almirante, Fuzileiro Naval, Rogério Ramos Lage, que já atuou como comandos anfíbios por mais de 25 anos, explica a importância e a singularidade da atuação desses militares, as ações de alto risco desenvolvidas por elementos de operações especiais do Corpo de Fuzileiros Navais. “Os comandos anfíbios são preparados e adestrados para atuarem nos mais variados ambientes, seja na selva, no pantanal, na caatinga, na montanha e em climas frios e nos mais diversos tipos de operações como, por exemplo, o estabelecimento e a operação de pistas avançadas, zonas de lançamento e zonas de desembarque, atuando como guias aéreos avançados, caçadores, realizando uma infinidade de ações de comando, sobretudo ofensivas, além de ações de vigilância e reconhecimento”,



Mergulhadores de Combate

explica.

Esses dois grupos de tarefas especiais são capazes de desenvolver atividades específicas, trabalhando, muitas vezes, em conjunto e lutando para resguardar nossos interesses nacionais e defendê-los com estratégia, força e muita habilidade.

GRUMEC

Não basta ter fôlego. Para se tornar um mergulhador de combate da Marinha do Brasil, é necessário, em primeiro lugar, ter técnica e precisão.

Subordinado ao Comando da Força de Submarinos, o Grumec é sediado na Ilha de Mocanguê, em Niterói (RJ). A Divisão de Mergulhadores de Combate foi criada em 1970, após oficiais e praças da Marinha realizarem cursos de mergulho de combate nas Marinhas dos Estados Unidos da América e da França. A partir dos conhecimentos adquiridos nessas experiências militares e mesclando as técnicas operativas de mergulho e as terrestres, foi criada essa unidade operativa, adapta às necessidades da Marinha do Brasil, somando 47 anos de atuação.

No treinamento e desempenho de suas tarefas, esses combatentes são lançados por submarinos, navios, aviões, helicópteros, além de dominarem

técnicas específicas na condução dessas tarefas. Dominam uma gama de equipamentos, como paraquedas, embarcações pneumáticas, lanchas de alta velocidade, caiaques, veículos submersíveis, diversos tipos de armamentos, explosivos e de equipamentos de mergulho, estando aptos a se infiltrarem no território inimigo sem serem vistos e, na maioria das vezes, em silêncio.

Quando um navio não colabora ou não facilita a abordagem, é aí que entram em ação os mergulhadores de combate. “Desses militares é exigido certo grau de dificuldade, pois atuam em operações e missões de alto risco. Tenacidade, espírito de cooperação e preparo psicológico são algumas das características inerentes aos Mec que atuam nos três ambientes operacionais: mar, terra e no ar”, explica o Comandante do Grumec, mergulhador de combate, Capitão de Fragata Michael Vinicius Aguiar.

Entre suas habilidades mais conceituadas, esses militares são treinados para realizar o reconhecimento de áreas costeiras, infiltração de maneira furtiva em locais estratégicos e interrupção de possíveis ataques. Dos principais eventos já realizados no Brasil, esse grupo já atuou na RIO +20, na Copa das Confederações 2013 e na Copa do Mundo

2014. Para as Olimpíadas Rio 2016, a tropa foi treinada, especialmente, pelos *Seals*, grupo de elite da Marinha dos Estados Unidos da América, para poderem garantir segurança nacional nesse evento de cunho mundial.

Com a possibilidade do aumento das atividades terroristas e de crimes transnacionais pelo mundo, podendo, inclusive, afetar o tráfego marítimo brasileiro e ameaçar as riquezas naturais da nossa “Amazônia Azul”, vislumbra-se a possibilidade de emprego mais intenso do Grumec nas ações de proteção marítima e ribeirinhas, de presença nas fronteiras e, eventualmente, em Operações de Paz.

COMANF

Tarefas arriscadas, precisas e que não permitem erros. Os Comandos Anfíbios são as forças especiais do Corpo de Fuzileiros Navais da Marinha do Brasil. Eles congregam os fuzileiros navais especificamente preparados para realização de operações especiais, sendo subordinados ao Batalhão de Operações Especiais de Fuzileiros Navais (BtlOpEspFuzNav), conhecido como Batalhão Tonelero, pertencente à Força de Fuzileiros da Esquadra. Surgiu na década de 1970 e tem sede no Rio de Janeiro (RJ). Em suas habilidades táticas, colaboram com o poder naval, realizando missões de reconhecimento, atuando em resgate de reféns, ações de comando, ações de retomada de instalações e inteligência.

Para desenvolvimento de suas atividades de combate o BtlOpEspFuzNav, organiza seus militares em efetivos especializados e organizados por tarefas nomeadas de Grupos de Operações Especiais, podendo ser constituídos por Equipes de Comandos Anfíbios, Unidades de Comandos Anfíbios ou em Grupos de Comandos Anfíbios, recebendo missões de reconheci-

mento, combate ou ambas em prol, principalmente, das Operações Anfíbias da Marinha.

Essa estrutura permite a organização por tarefas de grupos operativos e destacamentos para cumprir qualquer missão de interesse da Marinha no contexto de operações especiais, inclusive, aquelas relacionadas com a retomada de instalações e o resgate de pessoal.

Dentre os mais de 14 mil fuzileiros navais, pouco mais de 400 compõem as operações especiais. “O militar para servir nessa área deve ter coragem, porque ele vai participar de missões arriscadas, de treinamentos especiais com real perigo, seja ao saltar de paraquedas, mergulhar ou operar munição real todo o tempo. Ele tem que ter abnegação e determinação para agir, apesar de todas as dificuldades que encontrará no caminho. Tem que ter ousadia para fazer aquilo que os outros dizem que não pode ser feito”, comenta o comandante do BtlOpEspFuzNav Capitão de Mar e Guerra Luís Manuel de Campos Mello.

Para se tornar um Comanf, oficiais e sargentos fuzileiros navais

“Muitas vezes, as pessoas dizem que as missões são impossíveis, mas, para esses homens, o impossível nada mais é do que algo difícil que será feito”

Comandante do BtlOpEspFuzNav, Capitão de Mar e Guerra Campos Mello

devem realizar o Curso Especial de Comandos Anfíbios, com duração de 22 semanas, que abrange diversas disciplinas de técnicas de infiltração, patrulha e montanhismo.

O treinamento operativo e físico é rígido, fazendo com que esses militares lidem diretamente com situações de socorro avançado, combate em áreas urbanas e corpo-a-corpo, sobrevivência no mar e na terra. Eles são capacitados e adestrados para operar em regiões ribeirinhas e no Pantanal, em montanha e clima frio, em regiões semiáridas, selva e em áreas urbanas. “Muitas vezes, as pessoas dizem que as missões são impossíveis, mas, para esses homens, o impossível nada mais é do que algo difícil que será feito”, destaca o comandante do BtlOpEspFuzNav. ↴



Comandos Anfíbios

Uma Marinha para todos!

São diversas as áreas oferecidas pela Força para quem deseja seguir carreira e engrossar as fileiras navais da Marinha do Brasil

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Fernanda Mendes Medeiros/Primeiro-Tenente (RM2-T) Natalie Louise Carvalho Neris

Fotos: Acervo fotográfico do CCSM

CAPA



Foi no ano de 2001 que o Terceiro-Sargento John Almeida Xicharo iniciou sua carreira na Marinha do Brasil (MB). Aos 17 anos, prestando o serviço militar obrigatório, ele que é natural do município de Coari, no estado do Amazonas, e sonhava ser jogador de futebol, descobriu-se um militar apaixonado pela carreira que abraçara.

Apesar de residir a mais de 400 km de Manaus (AM), Xicharo, que é de origem indígena, não encontrou empecilhos para insistir no sonho de tornar-se um militar. Os anos de estudos renderam-lhe a aprovação, em 2002, para a Escola de Aprendizes-Marinheiros do Ceará e, desde então, soma experiências e grandes histórias para

contar do seu relacionamento com a Força. Em 2017, Xicharo celebrou bodas de cristal ao comemorar 15 anos de serviço prestado. “Na Marinha, tive a oportunidade de ter uma profissão, de aprender, de crescer e conhecer muitos lugares, além de ser o orgulho da minha família que é muito humilde. Fui o único que seguiu carreira militar e, ainda, pretendo crescer, ainda mais, na minha querida Força”, contou emocionado.

Em um outro contexto, o jornalista no Centro de Comunicação Social da Marinha Capitão-Tenente Rodrigo Machado Streb encantou-se com a MB em 2008. Foi no município de São Pedro do Sul (RS), cidade com pouco mais de 14 mil habitantes, que Streb

nasceu. Lá brotou com ele o sonho de trabalhar como jornalista. Em busca do objetivo, ele foi cursar Comunicação Social em Santa Maria (RS), onde descobriu a Marinha do Brasil.

Nessa cidade, além de sua formação acadêmica, o Capitão-Tenente casou-se com Carla. O casal viu no então concurso que a Marinha divulgava na época a oportunidade de crescimento profissional em suas vidas, Streb como Jornalista e Carla como Fonoaudióloga. Juntos, estudaram e passaram no concurso da Força, em 2009, quando partiram para o Rio de Janeiro (RJ), dando início às suas carreiras navais no Curso de Formação de Oficiais, em família. “A Marinha me proporcionou as melhores oportunidades da minha



para alcançar populações que os Distritos Navais não conseguem entender comparecer pessoalmente”, explica o Chefe do Estado-Maior da Armada (à época Diretor-Geral do Pessoal da Marinha), Almirante de Esquadra Ilques Barbosa Junior.

Atualmente, a Marinha conta com 16 concursos para ingresso na instituição. Desses, nove são abertos para o ingresso feminino. No ano de 2016, foram registrados mais de 113 inscritos para as diversas áreas e níveis de escolaridade.

Apesar de haver predominância do pessoal da região Sudeste na composição dos corpos e quadros de oficiais e praças, a Marinha tem desempenhado esforços para a agregação de candidatos oriundos de outras regiões do Brasil. “O objetivo principal é levar a informação que a Marinha oferece, anualmente, vagas de trabalho em cargos de todos os níveis de escolaridade até o interior do País e, assim, recrutar brasileiros dessas localidades para que, nos próximos concursos, a quantidade de inscritos de cidades fora do Rio de Janeiro seja aumentada”, esclarece o Almirante Ilques.

A CARREIRA

Seguir uma carreira militar é fazer parte de organizações autorizadas a usar a força. Elas são fundamentais para a manutenção da segurança e da soberania do País. Envolve paixão e profunda relação de quem serve na instituição, sendo mais do que um emprego, tornando-se uma missão de vida.

A Diretoria de Ensino da Marinha é uma das organizações militares responsáveis por divulgar as formas de ingresso na Força, coordenando a atividade em conjunto com os nove Distritos Navais, que abrangem as cinco regiões brasileiras. “Produzimos materiais de divulgação, tais como vídeos, cartazes, folderes e palestras. Esse material é enviado aos Distritos Navais para divulgação em suas áreas de abrangência”, explica o Diretor de Ensino da Marinha, Vice-Almirante Antonio Fernando Garcez Faria.

A Marinha oferece várias portas de entrada para as fileiras navais. Desde o ensino fundamental até o superior são inúmeras as possibilidades de inserção para pessoas entre 15 e 41 anos. (veja quadro da pág. 28)

vida. Fiz cursos e também os ministrei no exterior e no Brasil. Minha família hoje é estabilizada graças ao que alcançamos servindo à Marinha”, comenta Streb.

Assim como a história do Sargento e do Capitão-Tenente, muitos outros militares carregam em suas vidas a experiência da carreira naval. A Marinha registra em suas fileiras a representatividade cultural do Brasil e busca alargar, ainda mais, a base geográfica de pessoal, com novos meios de captação e divulgação. “Para isso, estamos priorizando o *marketing* digital, uma vez que ele possibilita atingir o público-alvo com mais precisão, se compararmos ao *marketing* realizado em meios tradicionais. O *marketing* digital será usado



Terceiro-Sargento Xicharo é de origem indígena e realizou o sonho de servir à Marinha

Ensino Fundamental

CONCURSO	IDADE	SEXO	DURAÇÃO	LOCAL	BENEFÍCIOS
Colégio Naval	15 anos completo (limite 18 anos)	Masculino	3 anos	Angra dos Reis (RJ)	- Bolsa-auxílio; - Alojamento; - Alimentação; e - Assistência médico-hospitalar

Ensino Médio

CONCURSO	IDADE	SEXO	DURAÇÃO	LOCAL	BENEFÍCIOS
Escola Naval	18 a 23 anos	Masculino e Feminino	5 anos	Rio de Janeiro (RJ)	- Bolsa-auxílio; - Alojamento; - Alimentação; - Assistência médico-hospitalar; e - Perspectiva de crescimento profissional ao longo da carreira
Escola de Formação de Oficiais da Marinha Mercante	17 a 23 anos	Masculino e Feminino	3 anos	Rio de Janeiro (RJ) e Belém (PA)	
Escola de Aprendizes-Marinheiros	18 a 22 anos	Masculino	4 anos	Florianópolis (SC); Fortaleza (CE); Vila Velha (ES); e Recife (PE)	
Soldado Fuzileiro Naval	18 a 21 anos	Masculino	17 semanas	Brasília (DF) e Rio de Janeiro (RJ)	
Sargento Músico Fuzileiro Naval	18 a 24 anos	Masculino e Feminino	18 semanas	Rio de Janeiro (RJ)	

Ensino Técnico

CONCURSO	IDADE	SEXO	ÁREA	DURAÇÃO	LOCAL	BENEFÍCIOS
Corpo Auxiliar de Praças (CAP)	18 a 25 anos	Masculino e Feminino	Diversas Áreas*	17 semanas	Rio de Janeiro (RJ)	- Bolsa-auxílio; - Alojamento; - Alimentação; e - Assistência médico-hospitalar
Quadro Técnico de Praças da Armada	18 a 25 anos	Masculino	Eletroeletrônica e Mecânica	55 semanas	Rio de Janeiro (RJ)	

*Áreas CAP: Administração; Administração Hospitalar; Contabilidade; Desenho de Arquitetura; Desenho Mecânico; Edificações; Eletrônica; Eletrotécnica; Enfermagem; Estatística; Estruturas Navais; Geodésia e Cartografia; Gráfica; Higiene Dental; Marcenaria; Mecânica; Metalurgia; Meteorologia; Motores; Nutrição e Dietética; Patologia Clínica; Processamento de Dados; Prótese Dentária; Química; Radiologia Médica; Secretariado; e Telecomunicações.

Ensino Superior

CONCURSO	IDADE	SEXO	ÁREA	DURAÇÃO	LOCAL	BENEFÍCIOS
Quadro Complementar de Oficiais da Armada e de Fuzileiros Navais	até 29 anos	Masculino	Engenharia; Ciências Náuticas ¹ e Educação Física ^{1,1}	39 semanas	Rio de Janeiro (RJ)	- Perspectiva de crescimento profissional ao longo da carreira; - Estabilidade após cinco anos de serviço; e - Ingresso sem exigência de experiência anterior
Quadro Complementar de Intendentes	até 29 anos	Masculino e Feminino	Administração; Ciências Contábeis e Economia	39 semanas	Rio de Janeiro (RJ)	
Quadro Técnico	até 36 anos	Masculino e Feminino	Diversas Áreas ²	39 semanas	Rio de Janeiro (RJ)	
Corpo de Saúde	até 36 anos	Masculino e Feminino	Diversas Áreas ³	39 semanas	Rio de Janeiro (RJ)	
Corpo de Engenheiros da Marinha	até 36 anos	Masculino e Feminino	Diversas Áreas ⁴	39 semanas	Rio de Janeiro (RJ)	
Capelão Naval	até 41 anos	Masculino	Diversas Áreas ⁵	39 semanas	Rio de Janeiro (RJ)	

¹Área de Ciências Náuticas somente para o Corpo da Armada e ^{1,1}Educação Física somente para o Corpo de Fuzileiros Navais.

²Áreas: Arqueologia; Arquivologia e Gestão de Documentos; Biblioteconomia; Ciência da Computação; Ciências Náuticas; Comunicação Social; Desenho Industrial; Direito; Educação Física; Estatística; Física – Licenciatura; História; Geologia/Geofísica; Informática; Letras; Português – Licenciatura; Matemática – Licenciatura; Meteorologia; Museologia; Música; Oceanografia; Pedagogia; Psicologia; Serviço Social; e Segurança do Tráfego Aquaviário.

³Áreas: Médicos: Clínica médica; Cirurgia Geral; Radiologia; Anestesiologia; Ginecologia e Obstetrícia; Pediatria; Psiquiatria; Ortopedia e Traumatologia. / Cirurgiões-Dentista: Cirurgião-Dentista; Cirurgia e Traumatologia Buco-Maxilo-Facial; Dentística; Endodontia; Implantodontia; Odontopediatria; Ortodontia; Patologia Bucal e Estomatologia; Periodontia; Prótese Dentária; e Radiologia. Apoio à Saúde: Enfermagem; Farmácia; Fisioterapia; Fonoaudiologia; e Nutrição.

⁴Áreas: Engenharia Cartográfica; Engenharia Civil; Engenharia de Materiais; Engenharia de Produção; Engenharia de Sistemas de Computação; Engenharia Eletrônica; Engenharia Elétrica; Engenharia de Telecomunicações; Engenharia Mecânica; Engenharia Naval; e Engenharia Química.

⁵Áreas: Sacerdote da Igreja Apostólica Romana; Pastor da Igreja Assembléia de Deus; e Pastor da Igreja Batista



Cerimônia de formatura de Aspirantes da Escola Naval

“A Marinha me proporcionou as melhores oportunidades da minha vida. Fiz cursos e também os ministrei no exterior e no Brasil. Minha família hoje é estabilizada graças ao que alcançamos servindo à Marinha”

Capitão-Tenente Streb, jornalista

ESCOLHENDO SER MARINHEIRO

É normal ficar em dúvida na hora de escolher qual carreira seguir. São tantas informações e opções que chega a causar admiração quando alguém se mostra decidido, de primeira, quanto à futura profissão. Na carreira militar, não é diferente.

Para tomar a decisão de se tornar um militar é preciso ter uma análise prévia das vantagens oferecidas antes de se candidatar. É comum surgir outro questionamento em todo esse processo de decisão da profissão: vale mais a pena embarcar na formação para uma profissão por afinidade com o assunto ou por causa do retorno financeiro que ela proporciona?

O Almirante Ilques explica que afinidade e retorno financeiro podem estar alinhados em quem opta por seguir a carreira naval. “O estímulo em ingressar na Força e seguir a carreira militar encontra-se alicerçado em fatores como o plano de carreira bem definido e com previsão de ascensão; capacitação contínua; existência de apoio social e de serviço de saúde; re-

conhecimento da sociedade, atestado em várias pesquisas de mídia; e o culto a valores e tradições”, destaca.

Além do plano de carreira naval, a Marinha oferece diferenciais frente aos demais concursos públicos. Perspectiva de crescimento profissional, transferências regionais remuneradas, assistências médico-hospitalar, odontológica, religiosa e psicológica e as chances de participar de diversas missões no Brasil e no exterior são alguns dos benefícios da carreira. São essas as características que permitem o candidato explorar mais sobre a Marinha.

Para que as formas de ingresso na Marinha possam atingir o maior número de interessados possíveis, a Força tem investido na utilização das mídias sociais para alcançar públicos distantes. “Verificamos que a *fan page* ‘Ingresso na Marinha’ tornou-se a melhor ferramenta de divulgação segmentada por se tratar de um canal que lida diretamente com o público jovem, de interesse para a Marinha. Além disso, a informação chega à

hora e aonde o usuário estiver”, esclarece o Diretor de Ensino da Marinha.

A página oficial da Marinha no facebook também funciona como meio de divulgação de recrutamento voluntário de pessoal, de forma ágil, gratuita e regionalizada. Publica as várias oportunidades de vagas de trabalho em todos os níveis de escolaridade, alcançando desde centros urbanos até cidades interioranas do País. Os candidatos podem acompanhar os webinar (seminários ao vivo nas mídias sociais) e sanar dúvidas em tempo real.

Do norte ao sul do Brasil, é possível observar o trabalho realizado pela Marinha. É o exemplo dessa Força, singular e consolidada em tradições e progressos, que oferece oportunidades profissionais àqueles que buscam um futuro promissor e profícuo. São pelos exemplos do Sargento Xicharo e do Capitão-Tenente Streb que podemos observar os louros conquistados com a carreira naval. Eles são exemplos de luta, sonhos alcançados e progressos de vida. ⚓



Mulheres de branco em Villegagnon

Após quatro intensos anos de estudos e treinamento, a Marinha do Brasil declara as primeiras 12 Guardas-Marinha mulheres formadas pela Escola Naval

Por: Primeiro-Tenente (RM2-T) Érika Mussi

Fotos: Arquivo Escola Naval/CCSM



Honra, coragem, disciplina e zelo são apenas alguns dos atributos que passaram a nortear a vida das 12 jovens que ingressaram na Escola Naval em 2014. As moças, oriundas de diferentes estados do Brasil, optaram por uma rotina dura, na qual abnegação fez parte das principais escolhas diárias, não existindo espaço para fragilidades. Após quatro anos de luta e perseverança, em 9 de dezembro de 2017, formaram-se as primeiras aspirantes mulheres forjadas no “Solo Sagrado de Villegagnon”, como é conhecida a Escola Naval, localizada no Rio de Janeiro (RJ).

As mulheres, que em 2013 disputaram suas vagas com outras 3.343 candidatas, passaram, ao longo desses quatro anos de formação, por muitos desafios e conquistas. Entraram então na história da Marinha do Brasil e da Escola Naval, que até então só havia formado oficiais homens.

A Força Naval tomou o primeiro passo para essa transformação em 1981,

com o ingresso de mulheres em seus quadros e reafirmou esse compromisso com a abertura de oportunidades para as mulheres em 2012, promovendo, pela primeira vez, uma mulher ao cargo de oficial-general. Desde então, uma série de adaptações foram realizadas, com a finalidade de transformar o ambiente militar, para que homens e mulheres pudessem servir à Marinha do Brasil de forma a congregar suas principais qualidades e valores.

A Guarda-Marinha Thaís Affonso dos Santos fala sobre o início do curso na Escola Naval: “apesar da rotina, que exigiu grande esforço e dedicação, estava no lugar que sempre almejei estar. A presença de nós mulheres num universo tão masculino, no início, foi diferente para todos nós, mas logo nos sentimos integradas e parte do Corpo de Aspirantes.” Thaís relembra, ainda, o período de adaptação no início do curso: “já a adaptação foi uma experiência à parte, fiz coisas e provei para mim mesma que era capaz de superar meus limites. Não

foi um período fácil, pelo contrário, mas a minha determinação e vontade de fazer parte da história da Escola Naval não me deixaram desistir. Aprendi muito e foi um período de suma importância para mostrar quem realmente merecia permanecer no curso”.

Atualmente, a Escola Naval, mais antigo estabelecimento de Ensino Superior do Brasil, tem por propósito formar oficiais da Marinha para os postos iniciais das carreiras dos Corpos da Armada (CA), Fuzileiros Navais (FN) e Intendentes da Marinha (IM), oferecendo vagas para as mulheres apenas no quadro de Intendentes. Após declaradas Guardas-Marinha, em 2017, realizarão, em 2018, o ciclo pós-escolar, com um ano de duração e que se encerrará com a viagem de instrução, apelidada carinhosamente por muitos de “viagem de ouro”, a bordo do Navio-Escola “Brasil”.

A viagem tem como objetivo complementar, com ênfase na experiência prática, os conhecimentos teóricos adquiridos pelos Guardas-Marinhas na



GM (IM) Maria Carolina durante premiação da Navamaer 2017

Escola Naval, além de aprimorar a formação cultural dos futuros oficiais. O itinerário do navio contempla diversos portos das Américas, Europa e Ásia e, durante os dias no mar, são ministradas aulas práticas de navegação, meteorologia, marinharia, operações navais, controle de avarias e administração naval, bem como é conduzida a importante fase de adaptação da vida a bordo.

A futura oficial intendente da Marinha Guarda-Marinha Fernanda Fonseca explica: “minha principal expectativa diante da carreira é poder servir à Marinha do Brasil da melhor forma possível, aprender bastante e conhecer outros lugares do mundo”. Ela afirma ainda que gostaria de conhecer Grécia, Itália e Holanda durante a viagem de instrução. Para ela, a principal dificuldade encontrada durante o curso foi administrar o tempo entre trabalho, estudo e treinamento físico.

Além da formação militar-naval inerente à carreira, a Escola Naval, por meio do desenvolvimento de atividades complementares, aprimorou nesses quatro anos, os aspectos físicos, cívicos e culturais das aspirantes, assegurando que as futuras oficiais da Marinha estivessem plenamente preparadas para exercer as funções a elas atribuídas. Algumas relatam que as dificuldades são naturais e muitas vezes as mesmas de qualquer outra atribuição. “Acredito que a nossa carreira se cria com base nas decisões que tomamos durante o nosso caminho, espero ser sábia o bastante e fazer boas escolhas”, conclui a Guarda-Marinha Gêssica Custódio, de Brasília.

A Guarda-Marinha Thaísa Azevedo relembra os anos de formação e reitera que sempre houve a preocupação em tratar homens e mulheres como militares, independentemente do gênero, mentalidade que sempre foi mantida na instituição: “as cobranças impostas aos meus colegas do sexo masculino foram as mesmas impostas a nós. Os ensinamentos passados, tanto do militarismo, quanto da parte acadêmica, foram



Guardas-Marinha mulheres durante formatura, acompanhadas da CA (MD) Dalva

os mesmos. Tivemos aula juntos, com os mesmos instrutores, então temos a mesma base.”

A presença dos familiares, de acordo com as futuras oficiais, durante o processo de formação, foi fundamental para o sucesso dessas jovens. Segundo a Guarda-Marinha Thais Oliveira: “o orgulho e a motivação dos meus familiares foram o que me manteve forte durante esses anos. Foram períodos marcados por inúmeras lágrimas de dor, orgulho e emoção, um período marcado pelo suor”. Thais acrescenta que o resultado do convívio diário foi muito importante para o desenvolvimento do espírito de turma.

Enquanto aspirantes, as futuras oficiais participaram de diferentes atividades: representações, eventos, atividades esportivas que culminaram com a conquista de medalhas em competições, além da condução de períodos de

adaptação com os novos aspirantes que incorporam à carreira militar. Durante a 51ª Navamaer, tradicional competição esportiva entre as três Forças Armadas, realizada em julho de 2017, a aspirante Laís Menezes subiu no lugar mais alto do pódio por cinco vezes nas competições de atletismo, por exemplo.

Os laços estabelecidos durante o período de formação são uma filosofia incentivada por todos os oficiais do Comando do Corpo de Aspirantes da Escola Naval. A primeira colocada das intendentes, a Guarda-Marinha Naraiane afirmou: “Após estes anos, posso ratificar que vale muito a pena. A Escola Naval nos formou grandes homens e mulheres, prontos para servirmos à Pátria. Minhas companheiras de turma têm muito a ver com isso, pois a convivência com elas me fez ser forte e perseverar. Sou muito grata a Deus por tudo o que passei aqui!” 🇺🇦



“As cobranças impostas aos meus colegas do sexo masculino foram as mesmas impostas a nós. Os ensinamentos passados, tanto do militarismo, quanto da parte acadêmica, foram os mesmos. Tivemos aula juntos, com os mesmos instrutores, então temos a mesma base”

GM Tháisa Azevedo





Aspirantes estrangeiros marcam presença na Escola Naval

Acolhimento e saudade marcam rotina de alunos de outras nacionalidades na instituição militar brasileira

Por: Primeiro-Tenente (RM2-T) Fernanda Mendes Medeiros

Fotos: Suboficial (AR) Alexander Vieira



“**T**odos deveriam sentir-se estrangeiros um dia. Neste momento conhece-se o homem dentro de nós, sua força, sua capacidade de dominar o meio, interagir com ele, fazer amizades, vencer o medo.” O poeta brasileiro Augusto Branco declama em versos a coragem de quem deixa sua nação, sua família e sua rotina para galgar, a passos largos, a realização de um sonho, o aprimoramento profissional e o autoconhecimento.

É na Escola Naval, instituição militar da Marinha do Brasil que promove a formação de futuros oficiais, que muitos jovens estrangeiros buscam o refinamento em suas carreiras navais. Com a finalidade de realizarem formação superior nessa instituição de

ensino, esses alunos, que antes passam por um estágio de nivelamento para adaptação acadêmica, integram as fileiras navais brasileiras como alunos Aspirantes e levam para suas vidas militares a troca de experiências pessoais e culturais de diferentes nações.

O estágio é um conjunto de aulas destinadas ao trabalho de conteúdos, habilidades e competências consideradas pré-requisitos para o acompanhamento das disciplinas do currículo brasileiro, de modo que viabilize a compreensão, a fala e a escrita da língua portuguesa desses alunos. “Todo esse processo é importante porque vai capacitá-los por meio do desenvolvimento de competências para compreender e poderem se expressar com

propriedade, de forma oral e escrita, na língua portuguesa e no domínio de conhecimentos que formam a base necessária para acesso aos cursos de graduação da escola”, explica o assessor da Superintendência de Ensino da Escola Naval, Capitão de Fragata (RM1-T) Adocilio Candido Tenório.

Os Aspirantes chegam à Escola Naval no primeiro ano. Apesar do receio inicial, o corpo acadêmico da Escola Naval procura preservar suas origens e se adaptar aos seus costumes nativos. “Esses jovens tiveram uma imigração diferenciada, visto que estão representando, antes de qualquer coisa, os seus países de origem em uma formação superior especial, que é a militar, e, por características

próprias, inerentes à caserna, como o aquartelamento ou internato, necessitam de uma atenção a mais por parte de todos da instituição, desde os professores, do Serviço de Orientação Educacional e Pedagógica, até a administração de sua alimentação, pois alguns, por exemplo, são muçulmanos e não podem fazer o consumo de carne de porco, comum da alimentação brasileira”, explica o Mestre em Educação Capitão de Mar e Guerra (RM1) Hercules Guimarães Honorato.

O contato inicial com os alunos estrangeiros é imediato. Não há separação nas atividades e o convívio começa desde o primeiro dia. “A rotina com eles ocorre da mesma forma, salvo alguns períodos do ano, nos quais eles possuem algumas modificações as diferenças cultural e religiosa. A interação, rápida e eficaz, deriva do sistema esquematizado pela Escola, que dá o suporte linguístico e acadêmico, juntamente aos valores e tradições da instituição, possibilitando a melhor adaptação deles”, conta João Victor Oliveira Magela, aluno do 3º ano.

Atualmente, a Escola Naval acolhe 26 alunos estrangeiros, matriculados no ciclo escolar, cumprindo o período de quatro anos de formação. Mais de 115 estrangeiros já passaram pela Escola Naval. A Namíbia é o país com mais militares que foram capacitados pela Marinha do Brasil.

Para o ex-Comandante do Corpo de Aspirantes Capitão de Mar e Guerra Vagner Belarmino de Oliveira, não só os alunos ganham com essa troca de experiência entre nacionalidades, mas também a instituição Marinha do Brasil. “Trata-se de uma grande e valiosa oportunidade para a nossa Marinha fortalecer os laços de amizade, cooperação e confiança mútua, bem como contribuir com a capacitação dessas marinhas, favorecendo, até mesmo, a estabilidade geopolítica das regiões nas quais estão inseridas as respectivas nações”, explica.



Prática de Treinamento Físico Militar é realizada diariamente

A DIDÁTICA DE CONVIVÊNCIA

Os motivos são diversos para escolherem sair do conforto familiar e da comodidade cultural de seus países, para viajarem em direção à realização de um sonho.

Selecionado por aproveitamento acadêmico na Academia de Angola, podendo optar por cursar no Brasil ou em Portugal, o Aspirante Itamar de Aloísio Vicente Pereira, de 24 anos, destaca o principal motivo de sua escolha pelo ensino brasileiro. “Simplesmente por poder cursar na melhor escola de oficiais, em busca da melhor preparação acadêmica e profissional”, destaca.

Itamar escolheu o Corpo da Armada, cursa habilitação em Mecânica e está no 3º ano. Ele destaca que a possibilidade de ser maquinista, juntamente com a gama de formação extracurricular que a instituição brasileira disponibiliza, é essencial para sua qualificação. “Eu quero estar apto para usar as habilidades que eu aprendo na escola para atender às necessidades do meu país”, conta.

A rotina diária da escola é a mesma para todos. Brasileiros e estrangeiros dividem o mesmo camarote, a mesma sala de refeição, praticam as mesmas

“Eu quero estar apto para usar as habilidades que eu aprendo na escola para atender às necessidades do meu país”

Aspirante Itamar, angolano

atividades esportivas e aprendem em grupo. “Eles são participativos em diversas atividades esportivas e grêmios, isso sem contar a troca de experiências que gera um grande enriquecimento cultural para ambas as partes envolvidas”, comenta o Aspirante Magela.

Para o Comandante Hercules Guimarães Honorato, o currículo em vigor para a disciplina de língua portuguesa é acrescido de outras atividades que demandam aprendizado fora da sala de aula. “Visitas a pontos turísticos e a instituições de reconhecido valor, como a Academia Brasileira de Letras, a Biblioteca Nacional, museus, salas de concerto também integram a vida do aspirante”, explica.

Mesmo com o estágio inicial realizado em seu país de origem, antes do ingresso na Escola Naval, a fa-



Estudo em grupo entre brasileiros e estrangeiros

miliarização com o idioma ainda é o maior desafio. “Acostumar com o afastamento do lar e da família certamente foi e ainda é muito difícil, mas o maior desafio é o idioma, pois é um dos mais complexos e precisamos dominá-lo para poder acompanhar a rotina e as aulas sem ficar para trás”, destaca o Aspirante Ralph Abi Ghanem, de origem libanesa.

Ralph tem 24 anos e está no 4º ano da escola. Escolheu o Corpo da Armada, com habilitação em Sistemas de Armas. Ele destaca os frutos adquiridos com a escolha em cursar fora do seu país. “O intercâmbio nos torna uma pessoa mais forte, independente, tolerante, menos preconceituosa e, sem dúvida, mais consciente da realidade do mundo na sua complexidade e mais firmes e definidos em nossas crenças, opiniões e princípios. Nos torna, também, melhores profissionais, pois adquirimos uma bagagem maior e mais diversificada”, explica.

Para Magela, os alunos brasileiros ganham muito com a experiência e a oportunidade de conviverem diariamente com aspirantes de outras nacionalidades. “Minha adaptação com eles é excelente, tanto que, atualmente, eu divido camarote com um estrangeiro, que é um excelente amigo e exemplo de vida a ser seguido por sua humildade e honestidade”, conclui.

DA SAUDADE DE CASA A GUARITA BRASILEIRA

Ao se mudarem para o Brasil, além de terem de se adaptar à nova cultura, comida e as tradições, os estudantes também enfrentam os dilemas do primeiro dia de aula. O Aspirante Ralph lembra o contato inicial com os novos colegas e o novo ambiente. “Como tudo na vida, a gente sabe que o tempo cura praticamente qualquer coisa e nós acabamos aceitando a realidade e se adaptando à ela e às pessoas”, comenta o militar.

O Aspirante comenta ainda que a cobrança pessoal é um fator determinante para o aluno estrangeiro. “Embora haja aproximação cultural, no meu caso, o maior desafio é lidar com o fato de estar representando um país”, explica.

Quando o assunto é a família, o meio utilizado para amenizar um pou-

co da saudade é a tecnologia. “Mantendo contato por celular ou redes sociais e aproveito as férias de final de ano para estar com eles. Não é fácil, mas a gente aprende a lidar com as perdas por escolhas e prioridades”, comenta Itamar.

Apesar da distância da família, tem também a ansiedade de conhecer o país tropical, que, na descrição de Jorge Ben Jor, “é abençoado por Deus e bonito por natureza”. Por unanimidade, o que mais encanta esses estrangeiros é o acolhimento fervoroso. “O Brasil já me proporcionou várias oportunidades e a chance de viver diferentes momentos, que para sempre serão guardados na minha memória, como a Copa do Mundo, a Jornada Mundial da Juventude e as Olimpíadas”, conta Ralph.

É pelo entusiasmo, profissionalismo e diversidade cultural que esses jovens optam pela oportunidade de fazerem e serem a diferença em seus países. Ao observá-los, engrossando as fileiras navais da Escola Naval, é possível compreender o fascínio que eles têm pela carreira que escolheram abraçar. Eles mantêm o andar cadenciado com passos firmes, trajam suas fardas reluzentes e rumam ao topo de suas realizações profissionais. E, assim, depois de quatro anos de aprendizado e aperfeiçoamento, eles podem voltar em paz ao conforto de seus lares e prontos para defenderem seus países. 🇺🇵

Países que estão/estiveram com representantes na Escola Naval:

Angola



Nigéria



Cabo Verde



Namíbia



Guiné Bissau



Panamá



Honduras



Peru



Líbano



Senegal



Moçambique



Venezuela



Marinha tem primeira mulher combatente nas fileiras navais

Foi com a aprovação no Quadro de Oficiais Auxiliares da Marinha que a tenente Débora viu a oportunidade de incluir o segmento feminino no combate

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Fernanda Mendes Medeiros
Fotos: Capitão-Tenente (T) Rafael Dutra Miranda



Talvez a maioria das pessoas, ao verem o filme “No limite da honra”, no qual a atriz Demi Moore interpreta uma oficial da Marinha dos Estados Unidos e luta bastante para fazer parte de um grupo de elite das Forças Armadas do país, imagine que feminilidade e vida militar não combinem. Entretanto, o crescente número de mulheres integrando as Forças Armadas no Brasil mostra que o militarismo pode sim ser compatível com o universo feminino.

A força da mulher, considerada por alguns como frágil, tem destaque no Brasil desde a época imperial. Maria Quitéria de Jesus Medeiros lutou pela independência do País. Ela alistou-se no regimento de artilharia e serviu no Batalhão dos Voluntários do Imperador, em 1822. Pelo seu entusiasmo e bravura, Maria Quitéria conquistou o respeito dos companheiros e recebeu de D. Pedro I a insígnia de Cavaleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro.

Na Marinha do Brasil, a história das mulheres teve início nos anos 80. Naquela época, elas integravam um corpo auxiliar e sua participação era restrita a alguns cargos e ao serviço em terra. Entre 1995 e 1996, o acesso das oficiais mulheres foi estendido aos corpos de saúde e engenharia. As evoluções não pararam e, atualmente, elas ocupam diversas especialidades como oficiais e praças.

A história do Gente de Bordo traz, nesta edição, uma personagem que carrega consigo o ineditismo de ser a primeira mulher combatente do Corpo de Fuzileiros Navais e das Forças Armadas brasileira a integrar uma tropa em missão de paz.

A Segundo-Tenente do Quadro Auxiliar de Fuzileiros Navais Débora Ferreira de Freitas tem 34 anos, 13 deles dedicados à Marinha do Brasil, é natural do estado do Rio de Janeiro e serviu no Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais do Haiti (GptOpFuzNav-Haiti). Filha de seu José Carlos e dona



Iara, Débora orgulha-se de sua história de vida e de sua família. Em casa, ela divide suas experiências vivenciadas na Marinha com o irmão, que também é militar. Solteira e sem filhos, dedicou-se diuturnamente aos estudos e, em 2014, alcançou sua meta tão sonhada: ser oficial.

Débora ingressou na Marinha do Brasil no ano de 2004. Entrou como Terceiro-Sargento no Quadro de Músicos, única especialidade que aceita mulher como Fuzileiro Naval. E foi nas sinfonias musicais da banda do Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo, última Organização Militar que serviu como musicista, que ganhou inspiração para sonhar mais alto. Na época, ela tocava saxofone.

Ao concluir o nível superior, surgiu a oportunidade de prestar concurso interno para o Quadro de Oficiais Auxiliares da Marinha, sendo aprovada no concurso para oficiais em 2014. Já como oficial, no ano de 2016, a Tenente Débora concluiu o curso de Especialização em Guerra Anfíbia e tornou-se a primeira mulher habilitada a comandar um pelotão de infantaria no Brasil. Exerceu ainda a função de oficial de assuntos civis e de comunicação social do GptOpFuzNav-Haiti.

Um pouco mais dessa história de vida, com seus desafios e evoluções, começa a ser contada agora no Gente de Bordo.

Como a Marinha entrou na sua vida?

Tudo começou por influência do meu irmão, que hoje é Segundo-Sargento. Ele ingressou primeiro na Marinha e foi aí que obtive o contato inicial com a Força. Com o passar do tempo eu fui conhecendo mais sobre os concursos e percebi que havia a oportunidade de servir fazendo o que eu mais amava, que era tocar. Me inscrevi no concurso, passei e fui cursar no Centro de Instrução Almirante Sylvio de Camargo. Lá eu iniciei minhas atividades como militar. Depois do curso, fui para o Batalhão Naval, no qual trabalhei por um ano e oito meses. Eu tocava saxofone e, de imediato, senti como a minha presença fazia a diferença para o grupo. Depois, eu pude concluir que na música é assim, todo mundo é importante, para tudo estar em sintonia. Quando eu saí do Batalhão, fui servir no Centro de Instrução Almirante Graça Aranha servir por três anos. E, desde então, minha carreira não parou mais. Fui sempre evoluindo.

Quando surgiu seu interesse pela música?

Minha família e eu sempre fomos da igreja. Na adolescência, eu ficava deslumbrada com a banda de música que tocava nos cultos que eu frequentava. Não demorou muito e comecei a estudar as partituras. Foi quando me apaixonei pelo saxofone. Toquei na igreja desde os meus 15 anos e, com o tempo, fui participando de concursos de bandas e sendo convidada a tocar em casamentos e festas particulares.

Qual o momento mais marcante vivenciado na Marinha como sargento músico?

A manobra que participamos durante o curso de sargento na Ilha da Marambaia, no Rio de Janeiro (RJ), e a minha primeira apresentação como musicista executante na Banda do Corpo de Fuzileiros Navais, com certeza, foram as mais marcantes da minha vida.

Qual a apresentação que mais te emocionou?

Quando a banda se apresentava para crianças com necessidades especiais. A música funcionava como um remédio para as dores, a tristeza, o desânimo e os problemas. Isso sempre me emocionava muito. Estar com aquelas pessoas funcionava como tratamento de alma para mim.

Quando falamos sobre Fuzileiros Navais, é normal a maioria das pessoas associar a especialidade a homens, seja por causa das operações especiais seja pelo grande esforço físico exigido. Como é ser uma mulher Fuzileiro Naval?

Sem dúvida, é um grande orgulho. Eu não consigo nem expressar a emoção. Apesar de ser bem desafiador, é gratificante. Mesmo quando eu era musicista, já era maravilhoso. Se o

público consegue se emocionar com as apresentações, imagine nós que vivemos isso? É mágico. Quando eu passei para Oficial e fui cursar Guerra Anfíbia, mesmo com todo o treinamento que nos é exigido, mesmo às vezes tendo que deixar a vaidade feminina de lado, é muito tocante participar de atividades que dificilmente outras mulheres têm a oportunidade de vivenciar.

Quando surgiu o sonho de se tornar oficial da Marinha do Brasil?

Foi em 2010, quando terminei meu curso superior em Música, na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Naquele momento, eu vi a necessidade de evoluir na Marinha também. E mesmo sabendo que não carregaria a música comigo nessa nova singradura, eu sempre tive absoluta certeza de que a música sempre estaria em minhas raízes.

Como foi o Curso de Formação de Oficial? Qual o maior desafio enfrentado? Você teve apoio de seus colegas e sua família?

Minha família sempre me apoiou e os meus colegas vibraram com a novidade, sempre com palavras de ânimo para o novo caminho que eu estava indo trilhar. Quanto ao início do curso, foram três anos de estudos intensos até a aprovação, mas, sem dúvida, o ano de formação é o mais corrido. A quantidade de matérias específicas do Fuzileiro Naval é bem extensa, tanto teórica quanto prática, esse foi o maior desafio.

Depois do curso de formação, você foi fazer especialização no curso de Guerra Anfíbia. Como foi essa experiência?

Foi em 2016 e eu era a única mulher do curso, o meu desafio começou aí. Além da intensidade dos

adestramentos, tem a parte física. Somos muito demandados, há muito esforço físico, principalmente na pista de obstáculos e de cabos. Foi exaustivo pra mim e, mesmo percebendo que, às vezes, o homem pode demonstrar mais força do que a mulher, eu fui superando os meus limites e consegui concluir tudo com muito empenho. Durante o curso, houve 16 desistências, mas, com a ajuda de Deus e apoio dos meus companheiros de curso, consegui concluir o que me foi exigido.

Por que você se voluntariou para a missão no Haiti?

Sempre foi meu sonho integrar uma missão no exterior. Eu tinha apoio da minha família, então eu fui atrás do sonho de trabalhar com ações humanitárias. A maior lição que podemos aprender com todo esse trabalho é o respeito à diversidade cultural e a importância da solidariedade. Os haitianos gostam muito dos brasileiros, então, a nossa convivência no país é muito boa com todos.

Qual seu maior orgulho como militar?

Servir a minha pátria não tem preço, mas, como mulher, poder representar o nosso gênero e fazer parte dessa evolução feminina nas Forças Armadas é muito significativo para mim. E hoje esse avanço é o meu maior orgulho.

O que a Marinha representa na sua vida?

Representa a minha vida, a minha evolução, as minhas conquistas e o meu sonho. É na Marinha que tenho, diariamente, a oportunidade de desenvolver minhas técnicas, de aperfeiçoar minhas habilidades, trabalhar com o que eu gosto, ganhar novas experiências e descobrir novos rumos. 🇺🇸



Marinha de Guerra... Marinha da Arte

Bandas militares tocam história, tradição, motivação e arte

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Natalie Louise Carvalho Neris
Foto: Acervo fotográfico do CCSM

Gaitas escocesas, surdos, caixas de guerra, trombonitos, bombos, trompetes, taróis, flautins, pratos, triângulo, liras e *schellenbaum* (árvore dos sinos). Sons, escalonamento, métricas, padrões, sequências musicais, articulações, movimentos, ritmo, leveza e graça devastam a apática inércia da ausência de som. Notas musicais, anúncios, rítmicas e evoluções marcam a marcha de cores vermelhas, brancas e douradas dos uniformes. À memória, sentimentos diversos de nostalgia e esperança são contados pelos instrumentos de uma garbosa tropa composta por verdadeiros homens do mar.

As bandas militares, por meio das quais o seu conhecimento vai

navegar nas próximas frases, têm grande presença e importância no círculo militar, mas principalmente para a sociedade. Formaturas, paradas, solenidades, anúncios, desfiles e outras formalidades militares e civis bradam por galantes entonações musicais. Nesses eventos, o “caráter da música militar se mostra, mas seu lado popular, modinheiro, lírico e cotidiano do povo brasileiro se revela, fazendo-a não puramente bélica”, analisa o professor doutor Vinícius de Carvalho, da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

A música foi encontrada pelo meio militar como forma relevante de comunicação nas batalhas, mas também como elemento psicológico, fosse para animar as tropas ou

atemorizar os inimigos. Mesmo sendo instrumento formalizado dentro das Forças Armadas, a música, ainda hoje, proporciona um retorno de sentimentos outrora vividos em batalhas e missões realizadas pelos militares, denominado pelos gregos de Ethos.

A sua importância no meio militar se tornou fundamental para manutenção da vida de soldados e do sucesso de suas batalhas. Por meio dela, sinais, comandos, cadências e outros eram emitidos às tropas. E, cada vez mais, padrões e sequências musicais como “marchar” e “aproximar” eram empregados pelas forças militares. Destacando a importância da relação musical e militar, o Comandante da Compa-



mais organizada, com três instrumentos de sopro e de tambores, e os músicos eram chamados de aeneatores. Na Inglaterra e na Escócia, a música trazia tradicionalmente a presença da cornamusa, conhecida como gaita de fole.

No século XIV, Nicolau Maquiavel, em sua obra “A Arte da Guerra”, orientou que os oficiais deveriam emitir seus comandos por meio dos sons dos trompetes, pois, mesmo em meio ao tumulto das batalhas, podia ouvir seu som. Já as flautas e os tambores eram empregados para garantir disciplina às marchas e aos deslocamentos da infantaria no campo de batalha.

No ano de 1808, nas águas do estado do Rio de Janeiro, navios ancoraram com a família real e a corte portuguesa e trouxeram a origem dos Fuzileiros Navais e da Brigada Real da Marinha. Esta desfilou tendo à sua frente bandas de música marcial, com uniformes pomposos e orquestrados por sons vibrantes. “Muitos autores vinculam o surgimento das bandas civis à formação das bandas militares. A função das bandas militares, no processo de difusão das bandas no Brasil, confirma-se como atuantes, com fatores simbólicos e instrumentais, entendida como uma combinação peculiar de instrumentos de sopro e per-

nhia de Bandas do Batalhão Naval, Capitão de Fragata Sidney da Costa Rosa, detalha a importância da música no meio militar. “De todas as manifestações artísticas produzidas pelo ser humano, poucas guardam tanta afinidade com a profissão militar quanto a música. Desde a mais remota antiguidade até as guerras de alta tecnologia de nossos dias, as bandas militares cumprem o singular e insubstituível papel de reforçar o moral e o ânimo daqueles que, nas casernas em tempos de paz ou nas agruras das campanhas, dedicam-se à profissão das armas”, explica.

As ações militares ligadas à música estão registradas na história. Na literatura grega, existe referência aos músicos acompanhando bata-

lhas ou marchas triunfais, nas quais os instrumentos eram de sopros e tambores. Já em Roma, segundo o Professor Doutor Vinícius de Carvalho, da UFJF, a música militar era



Gaitas de Fole Escocesas em execução durante apresentação

cussão”, conclui Fernando Binder, músico e mestre da Universidade Estadual Paulista (UNESP), sobre a influência na sociedade.

Atualmente, na Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais, que tem reconhecimento no cenário musical brasileiro e internacional, 120 executores movimentam a diversidade de 12 tipos de instrumentos musicais. A Marinha do Brasil é a única força que dispõe de uma Banda Marcial. Exibidas em diversos países, as execuções alcançam diversas camadas da sociedade, difundindo a música e a Marinha do Brasil.

Na Marinha, há uma diversidade de bandas militares: Banda de Música (estruturas instrumentais e de pessoal variadas); Banda Marcial; e Banda Sinfônica, além de Conjuntos Musicais populares. Em todas elas, somam-se mais de 300 militares músicos.

Cada Distrito Naval tem sua banda militar. As bandas de música são agentes responsáveis pelos consagrados prenúncios de autoridades e formosas cerimônias militares, que exaltam as tradições. “Em um ambiente militar, as Bandas de Música são utilizadas como instrumento de integração e socialização. A manifestação dos sentimentos se sobressai, influenciada pela música militar, que estimula a exteriorização dos valores que se traduzem no amor à Pátria e às tradições militares”, comenta o comandante Sidney.

Criada em meados de 1970, a Banda Sinfônica pertence à Companhia de Bandas do Batalhão Naval. Ela exerce um lado rente à sensibilidade em consonância com a música clássica. Há, em suas apresentações, uma miscelânea com músicas cantadas, eruditas e populares. Sua composição traz oficiais regentes e 84 músicos militares. “A execução de hinos pátrios, dobrados e marchas



Regente-Mor Luiz Carlos Gomes Barboza

“Responsável pela contagiante energia que consagra cada apresentação como única e por fazer qualquer música virar energia, com ritmo, melodia e harmonia típicas da Banda Marcial”, assim se apresenta o Suboficial Fuzileiro Naval Luiz Carlos Gomes Barboza Regente-Mor da Banda Marcial de Fuzileiros Navais.

Influenciado musicalmente por seu pai músico, desde a infância, se envolveu com a música. Ao servir à Marinha do Brasil, encantou-se, em sua juventude, com a Banda Marcial de Fuzileiros Navais realizando evoluções e coreografias. Por essa razão, prestou concurso para o quadro de Cornetas e Tambores para então ser incorporado à Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais.

Aos 52 anos, com 25 anos de casado e duas filhas, Luiz Carlos afirma, emocionado, a satisfação de ser o suboficial-mor da Banda Marcial desde 2014. Sua carreira na banda teve início em 1986, quando obteve sua especialização. Em 2006, tornou-se um dos regentes. Já em 2013, transferido para a Namíbia, apoiou a banda musical da Marinha do país africano.

Com vasta experiência, o suboficial já fez parte de diversas bandas, como a Banda de Música do Rio de Janeiro e do Grupamento de Fuzileiros Navais de Brasília, a Banda Sinfônica e a Banda híbrida do Corpo de Fuzileiros Navais. “Reger não somente com as mãos, não somente com o corpo, mas também com o rosto. Quando falamos de coração, falamos de batidas rítmicas, e quando falamos de batidas, falamos da Banda Marcial”, conta emocionado. Influenciado musicalmente por Guilherme Arantes e Ivan Lins, o maestro confessa influências, em seus arranjos musicais vibrantes e dançantes, das bandas norte-americanas *Eart, Wind & Fire* e *CHIC*.

Destacou, como uma das mais marcantes apresentações em que regeu, a Banda Marcial, durante desfile, em Brasília (DF), com a presença de autoridades máximas do País, entre elas o presidente da República, ministros e senadores.

Aqueles primeiros passos musicais, quando ainda era criança, e toda influência de seu pai, o levaram à regência mor de uma das maiores bandas marciais do mundo. Sendo eterno marinheiro, orgulha-se de todos os seus triunfos alcançados.



Banda Sinfônica da Marinha do Brasil em apresentação no Rio de Janeiro

**“De todas as manifestações artísticas produzidas pelo ser humano, poucas guardam tanta afinidade com a profissão militar quanto à música”
Comandante da Companhia de Bandas,
Capitão de Fragata Sidney**

militares, que contagiam as tropas por ocasião das cerimônias em que são realizados os desfiles, retretas e concertos, levando, por meio das melodias e dos acordes executados, o estímulo aos mais diversos sentimentos ligados aos valores militares, sejam eles em relação à nação, à Instituição a qual pertencem ou à missão que desempenham, sem deixar de contribuir também com o entretenimento àqueles que as ouvem”, explica o maestro Sidney.

Já a Banda Marcial é caracterizada por sua montagem de figuras

e movimentos em evoluções sincronizadas com os dobrados e marchas militares. “O estilo musical se difere das demais bandas devido a seus ritmos, batidas e evoluções próprias, para públicos grandes e a céu aberto” destaca o Sub-Oficial-Mor da Banda Marcial Luiz Carlos Braga.

As gaitas de fole escocesas são marcantes nas apresentações da Banda Marcial do Corpo de Fuzileiros Navais. Os instrumentos foram presentes da rainha da Inglaterra para o USS Saint Louis, navio pertencente à Marinha Americana. A

embarcação foi incorporada à Força Naval brasileira, em 1951, com o nome de Cruzador “Tamandaré”, e sua tripulação presenteou a Banda Marcial com 16 gaitas escocesas.

Ao fazer um resgate histórico sobre nossas bandas, há de evidenciar a atuação de diversos Fuzileiros Navais e maestros de relevância no cenário musical, como Oswaldo Passos Cabral – autor do Poema Sinfônico Riachuelo. Entre os renomados maestros, destacou-se o professor regente e maestro Francisco Braga, autor do Hino à Bandeira. Em 10 de maio de 1968, o então presidente Costa e Silva, por meio do Decreto nº 62.683/1968, considerou o maestro Patrono das Bandas de Música e Marcial da Marinha de Guerra. Com pregressa história de esforço, foi no Asilo de Meninos Desvalidos, criado pelo Marquês de Tamandaré, que Antônio Francisco cresceu, conectando-se com a Marinha desde sua infância. Dedicou-se por mais de 30 anos à formação musical, servindo às bandas de música da Marinha do Brasil. ↴

CURIOSIDADES

- 🎵 A terminologia “Banda Militar” apareceu pela primeira vez em 1678, na Inglaterra.
- 🎵 A primeira orquestra militar foi formada em 1762, nas Guardas Francesas. Sua composição se deu com clarinetas, oboés, trompas e fagotes, trompetes e tambores.
- 🎵 Militares norte-americanos combatiam no Iraque ao som de *Rock In Roll* e *Heavy Metal*, para motivação durante as batalhas.



Presente em todo o País, a Marinha reúne profissionais de diversas áreas

Por: Almirante de Esquadra Eduardo Bacellar Leal Ferreira
Foto: Acervo fotográfico do CCSM

“Os dois dias mais importantes da vida são o dia do nascimento e o dia em que se descobre o porquê de ter nascido”. A afirmação do autor norte-americano Mark Twain ratifica o que pensam aqueles que acreditam na predisposição de se optar por determinadas carreiras. Aliar a escolha profissional àquilo que faz o coração bater mais forte parece ser o ideal almejado das novas gerações que buscam fazer do sustento diário mais de uma fonte de alegria na trajetória da vida, e a carreira naval se encaixa nesse campo.

Optar pela carreira naval envolve integrar-se a um ambiente pautado por valores como honra, disciplina, orgulho e garra. Trata-se de algo que vai muito além de um emprego: fala muito mais de missão de vida do que de uma mera forma de ganhá-la. Vestir a farda diariamente é fazer parte de uma realidade que foge à rotina e que requer alto grau de comprome-



Fuzileiros Navais durante Operação

timento e motivação. A abnegação está presente desde o juramento à Bandeira Nacional, que marca o início da vida dedicada à Pátria.

Servir à Marinha do Brasil (MB) é fazer parte de uma instituição que percorre mares, rios e lagos;

está presente na imensa “Amazônia Azul”; defende a Pátria; e apoia as populações ribeirinhas dos mais distantes recantos do País. A Força Naval também atua em missões sob a égide de organismos internacionais, inserindo o Brasil no rol de países que apoiam ações humanitárias e de paz.

A MB tem como missão preparar e empregar o Poder Naval a fim de contribuir para a defesa da Pátria; para a garantia dos poderes constitucionais e, por iniciativa de qualquer destes, da lei e da ordem; para o cumprimento das atribuições subsidiárias previstas em Lei; e para o apoio à Política Externa. Para cumprir sua missão e ser a Força moderna, equilibrada e balanceada que pretende, além de dispor de meios compatíveis com a inserção político-estratégica do Brasil no cenário internacional e, em sintonia com os anseios da sociedade brasileira, a Marinha prima pela excelência na captação e na formação de pessoal especializado.



Oficial Dentista em atendimento na Região Amazônica



Formatura de Oficiais no Centro de Instrução Almirante Wandenkolf

A renovação de efetivo e a busca por profissionais capacitados na Força são vistas com importância. Como forma de incentivo ao ingresso, a MB lançou, há um ano, a “Campanha de Capilaridade”. A ação visa fomentar o engajamento na carreira naval por jovens de todas as partes do País e não somente da área do Rio de Janeiro e adjacências - que concentra a maior parte das organizações militares. Por diversos meios, a ideia é enfatizar a possibilidade de servir à Força sendo oriundo de qualquer local do Brasil.

Há oportunidades de ingresso para diferentes níveis de escolaridade: fundamental, médio e superior. Todos os concursos são de

âmbito nacional e realizados nas principais capitais brasileiras e as vagas contemplam as diversas localidades. Existem no País quatro escolas de Aprendizes Marinheiros - duas no Nordeste, uma no Sudeste e uma no Sul: Ceará, Pernambuco, Espírito Santo e Santa Catarina.

Além dos diversos centros de formação, a Marinha apresenta oportunidades para inúmeras carreiras. Aviadores, enfermeiros, engenheiros, fuzileiros navais, geólogos, músicos, oceanógrafos, submarinistas, especialistas em motores ou em sistemas de armas... esses são apenas alguns dos profissionais que atuam na Força. A formação profissional pode ser realizada dentro ou fora da Marinha, antes

ou depois do ingresso, dependendo da opção entre os corpos e quadros que compõem as carreiras.

Independentemente da escolha, pertencer aos quadros da MB é, ao mesmo tempo, desafiador e gratificante. Ser um militar de carreira representa, acima de tudo, motivo de muito orgulho. É uma honra servir ao País por meio de uma instituição que desfruta de prestígio singular perante a sociedade. Pelo terceiro ano seguido, as Forças Armadas foram consideradas as instituições de maior confiabilidade do Brasil.

No mar, na terra, ou no ar, a Marinha representa uma excelente oportunidade de crescimento pessoal e profissional. ⚓

Antigo, histórico e ainda operante

A peça mais antiga da Capitania dos Portos da Bahia é um guindaste do Século XIX, que consta em vários registros históricos da cidade de Salvador (BA)

Por Primeiro-Tenente (RM2-T) Camila Marques de Almeida
Fotos: Primeiro-Sargento Elinaldo Trindade e Divulgação



Tudo teve início no século 19, quando uma empresa inglesa fabricou um guindaste que pesava quatro toneladas. Nos anos 50 daquele século, o então feito inglês teve como destino o Brasil. Chegando ao País, o equipamento aportou em Salvador, no estado da Bahia. Na ocasião, foi levado para as instalações do antigo Arsenal de Marinha da Bahia para içar embarcações.

A empresa de engenharia mecânica responsável pela fabricação do equipamento foi a *H. Pooley & Son Engineers Liverpool*, especializada na

fabricação de máquinas de pesagem e considerada a maior fabricante desse ramo na época.

Há registros fotográficos do século 19 que identificam o guindaste na área em que estão estabelecidos o prédio e a carreira de embarcações da atual Capitania dos Portos da Bahia (CPBA), foi criada em maio de 1846 pelo Decreto nº 447. Inicialmente, a Capitania foi instalada no segundo pavimento do edifício da entrada do antigo Arsenal de Marinha da Bahia, com frente para a rua denominada “Portas da Ribeira”.

Apesar das mudanças no complexo administrativo da Marinha, o guindaste permaneceu no mesmo local e em funcionamento. Com as suas características originais conservadas, o equipamento de ferro tem o seu valor histórico, mas, por sua funcionalidade, não é considerado uma peça de museu. Até hoje, a Capitania dos Portos retira embarcações da água para receber manutenção em terra, utilizando o guindaste de forma manual, mantendo a dinâmica que é utilizada desde a sua inauguração.

Relatos descritos em ficha de con-



Foto de 1860 mostra guindaste no antigo Arsenal de Marinha da Bahia

“Apesar de o maquinário ser do século XIX, o equipamento continua sendo operado manualmente, da mesma forma que os antigos marinheiros realizavam as manobras”

Capitão dos Portos da Bahia, Capitão de Mar e Guerra Silva Reis

trole de patrimônio histórico e cultural da Marinha diz que o maquinário tem capacidade de içar pesos de aproximadamente dois mil quilos e considerando o tempo de amarração dos cabos até a embarcação chegar ao local desejado, o desempenho completo do guindaste leva cerca de 40 minutos.

Segundo o encarregado da Divisão de Manutenção de Embarcações e Viaturas, o servidor civil da Marinha Eduardo Bonfim, ao todo, são necessários três militares para acionar o funcionamento do guindaste. Um fica no freio e dois na manivela. “Preferencialmente, utilizamos o guindaste durante a maré alta para diminuir o esforço dos militares, já que a distância a ser içada será menor”, comenta o servidor, que trabalha há 21 anos na Capitania.

Eduardo conta que nunca soube e não há registros de acidentes envolvendo o equipamento. Mesmo o maquinário sendo considerado seguro, é necessário ter atenção durante o seu manuseio, que necessita da presença de uma pessoa coordenando a atividade.

O Marinheiro João Henrique Leal de Santana, que serviu por cinco anos na divisão, dá detalhes do funcionamento do equipamento, que tem duas velocidades, leve e pesada, e devem ser alteradas de acordo com a necessidade. “Ele também é utilizado para içar boias e motores, mas a finalidade principal é operar com as embarcações”, explica.

DOCUMENTO ENCONTRADO

Na busca por mais informações sobre o guindaste, o Segundo-Sargento Daiverson Melo Jasmim, historiador, voluntariou-se na busca por mais registros históricos sobre o equipamento. Em 2015, ele teve acesso a um documento oficial armazenado no site *Center for Research Libraries*. Nele, há relatos da aquisição de um maquinário de içar de origem inglesa pelo então Ministério da Marinha do Brasil para o Arsenal de Marinha da Bahia, com data de 1857.

Em 2016, foi lançado um livro comemorativo dos 170 anos da Capitania dos Portos da Bahia e nele há informações baseadas na pesquisa do Sargento Daiverson. “O relatório

encontrado autentica a imagem registrada em 1860 pelo fotógrafo inglês Benjamin R. Mulock, na qual é possível visualizar o guindaste. Este documento contextualiza o marco temporal da chegada do maquinário em Salvador, que, provavelmente, ocorreu entre 1856 a 1860”, conclui.

OPERACIONALIDADE HISTÓRICA

Considerando todos os anos em atividade, o equipamento sempre esteve em funcionamento. O Capitão dos Portos da Bahia, Capitão de Mar e Guerra Leonardo Andrade da Silva Reis, acredita que o segredo da durabilidade do equipamento está na qualidade da fabricação e no trabalho de manutenção que é realizado mensalmente com a utilização de lubrificante, pintura, tratamento de ferrugem e limpeza. “Frequentemente, o guindaste é utilizado para içar e arriar as embarcações e, apesar de o maquinário ser do século 19, o equipamento continua sendo operado manualmente, da mesma forma que os antigos marinheiros realizavam as manobras e mantendo-o com muito esmero”, declara o Capitão dos Portos. ⚓

FINANCIAMENTO IMOBILIÁRIO

CONTE COM QUEM ENTENDE

JUROS
AINDA
MENORES

QUEM PODE

Na FHE: militares e pensionistas das Forças Armadas

Na POUPEX: o público em geral

Linhas de crédito imobiliário,
em condições especiais,
para a compra de imóvel
residencial, de material de
construção e de terreno

Sujeito a análise cadastral
Sujeito a alteração sem aviso prévio
Consulte normas e condições vigentes



Mais informações
0800 61 3040
www.fhe.org.br
www.poupex.com.br

FHE FUNDAÇÃO
HABITACIONAL
DO EXÉRCITO

POUPEX ASSOCIAÇÃO
DE POUPANÇA
E EMPRÉSTIMO

Aplicativo da **MARINHA**



Disponível para IOS e Android



[/marinhaoficial](#)

[/mboficial](#)

[/@marinhaoficial](#)

[/marmilbr](#)

[/marinhaoficial](#)

